



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de Antropologia e Arqueologia

Graduação em Bacharelado em Antropologia

Habilitação em Arqueologia

Karen Daniele do Nascimento

**JOGOS DE RESISTÊNCIA:**

PRÁTICAS LÚDICAS NA SENZALA DO COLÉGIO DOS JESUÍTAS DE CAMPOS  
DOS GOYTACAZES (RJ)

Belo Horizonte

Dezembro de 2019

Karen Daniele do Nascimento

**JOGOS DE RESISTÊNCIA:  
PRÁTICAS LÚDICAS NA SENZALA DO COLÉGIO DOS JESUÍTAS DE CAMPOS  
DOS GOYTACAZES (RJ)**

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia e Arqueologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia, com habilitação em Arqueologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Luís Claudio Pereira Symanski

Belo Horizonte  
Dezembro de 2019

**JOGOS DE RESISTÊNCIA:  
PRÁTICAS LÚDICAS NA SENZALA DO COLÉGIO DOS JESUÍTAS DE CAMPOS  
DOS GOYTACAZES (RJ)**

Karen Daniele do Nascimento

Orientador: Prof. Dr. Luís Claudio Pereira Symanski

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia e Arqueologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia, com habilitação em Arqueologia

Aprovada em 03 de dezembro de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dr. Luís Claudio Pereira Symanski (Orientador)  
Departamento de Antropologia e Arqueologia / Fafich / UFMG

---

Prof. Dr. Carlos Magno Guimarães  
Departamento de Antropologia e Arqueologia / Fafich / UFMG

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Luís Symanski por acreditar em mim e me conceder a tarefa importantíssima de demonstrar uma das capacidades adaptativas das comunidades escravizadas do Colégio dos Jesuítas.

Aos meus pais por mesmo sem concordarem com as minhas escolhas, nunca me desampararem; às minhas irmãs, Kátia que sempre me apoiou e ajudou de inúmeras maneiras e, Karine que fez minhas tarefas de casa enquanto eu me dedicava aos estudos e ao Agnaldo pelas ideias trocadas e pelo espaço concedido para os meus estudos.

À Michelle que além de uma amiga maravilhosa, foi minha cúmplice e parceira nas peripécias acadêmicas, sempre me ajudando nos momentos mais difíceis e me dando suporte quando desistir pareceu a alternativa mais sensata. Ao Thiago, que além de me ajudar com ideias para o trabalho, também me ajudou com a formatação, sem contar a amizade que foi meu grande alicerce.

Agradeço também às amigas que me ajudaram de outras formas ao longo de minha carreira acadêmica: à Isadora que foi muito paciente e me ajudou imensamente com os trabalhos pendentes e à Nilmara pelas caronas que me permitiam chegar mais cedo em casa e pelos longos papos e trocas de experiências.

Um agradecimento especial ao professor Carlos Magno, que mesmo sem saber, foi um dos grandes responsáveis pela escolha de minha área de pesquisa, e também pelo vasto conhecimento repassado.

Agradeço à Meib, bibliotecária tão dedicada e esforçada que ajudou com a bibliografia, principalmente a que lida com os jogos africanos.

Agradeço também ao CNPq pela bolsa que permitiu a minha dedicação exclusiva às práticas de laboratório e à minha pesquisa.

## RESUMO

Neste trabalho foram analisadas peças modificadas de diferentes morfologias e composições materiais, relativas a três etapas de escavação realizadas em contextos de senzala do Colégio dos Jesuítas em Campos dos Goytacazes, no norte fluminense. Tais peças foram classificadas como possíveis fichas de jogos. Para a análise, foi consultada a bibliografia que tem noticiado a presença de cerâmicas modificadas em contextos de escravidão, principalmente nos Estados Unidos e Caribe, com o objetivo de compreender quais eram os usos atribuídos a essa materialidade, bem como o que ela pode informar sobre os jogos africanos. Foi observado que as práticas lúdicas têm valor simbólico que contribui para a construção dos sujeitos. Nesse sentido, os jogos praticados na senzala podem ter corroborado com a coesão social, com o reforço de laços de amizade e com a construção de novas identidades.

**Palavras-chave:** Escravidão; Arqueologia Histórica; Senzalas; Práticas Lúdicas; Jogos; Campos dos Goytacazes.

## ABSTRACT

This work analyses modified ceramic sherds recovered in slave quarters' areas of the Colégio dos Jesuítas, in the county of Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. These items have been classified as gaming pieces. This analysis took into account the academic bibliography that has approached this kind of material in archaeological sites linked to the African slavery, particularly in the United States and the Caribbean, aiming to understand the ways that enslaved people used these pieces. The text also addresses the symbolic character of these ludic practices and their role in the construction of both the subjectivity and the social cohesion in the slave quarters.

**Keywords:** Slavery, Historical archaeology; Slave quarters; Ludic practices; Games; Campos dos Goytacazes.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – “A view of the Island of Antiqua”, de Thomas Hearne .....	20
Figura 2 - Detalhe nos homens jogando os discos brancos de Thomas Hearn, “A view of the Island of Antiqua” .....	20
Figura 3 - Solar do Colégio Jesuítas. ....	27
Figura 4 – Codificação das quadras de 10 x 10m onde foram realizadas as escavações no Colégio dos Jesuítas (2012-2016).....	32
Figura 5 – Planta do Colégio dos Jesuítas com indicações das áreas escavadas. ..	33
Figura 6 – Vista aérea do Solar do Colégio com indicação das áreas escavadas no setor Noroeste da senzala.....	34
Figura 7 – Detalhe da área NW com as distribuições das quadriculas entre os setores 8.3 e 8.2.....	36
Figura 8 – Divisão de setores dentro da área SE.....	38
Figura 9 – Estratigrafia da área SE 8.9. ....	38
Figura 10 – Representação da estratigrafia da área NE. ....	39
Figura 11 – Intervalo de deposição das áreas NW, SE e NE.....	41
Figura 12 – “Barbeiros ambulantes”, de Jean Baptist Debret.....	44
Figura 13 – Detalhe da imagem “ Barbeiros ambulantes” de J. B. Debret. ....	44
Figura 14 – “Mercado de escravos no Rio de Janeiro”, de Geo B. Whittaker, 1826. 45	45
Figura 15 – “Jogadores de Bambala do Sul” de Emil Torday, 1909. ....	45
Figura 16 – Distribuição das fichas na área NW. Níveis da esquerda para a direita, 1 <sup>a</sup> fileira: superfície; 2 <sup>a</sup> fileira: 0-20cm; 3 <sup>a</sup> fileira: 20-30cm; 4 <sup>a</sup> fileira: 30-40cm; 5 <sup>a</sup> fileira:40-60cm. ....	48
Figura 17 – Distribuição das fichas na área SE.....	52
Figura 18 – Distribuição das fichas da área NE. ....	55
Figura 19 – Ficha feita de fragmento de telha com sulco arredondado onde se encaixa a esfera metálica (a direita).....	59
Figura 20 – Fichas perfuradas de diferentes morfologias e composições materiais..	63
Figura 21 – Fichas losangulares ou em forma de gota. ....	64
Figura 22 – Peça trapezoidal formada por quatro triangulares. ....	65

Figura 23 – Suporte de faiança portuguesa para ficha arredondada nível F1i (meados do século XIX) .....	65
Figura 24 – Mulheres hotentotes jogando uma variante da Mancala.....	67
Figura 25 – Diversos tipos de dados.....	68
Figura 26 – “Jogo do galo” construído a partir de gravetos e utilizando pedras e conchas como fichas.....	69
Figura 27 – Corrida da hiena.....	70
Figura 28 – Crianças Dogon jogando Sey.....	71
Figura 29 – Homem jogando yoté. ....	72
Figura 30 – Senegaleses jogando damas com fichas quadradas .....	75
Figura 31 – Exemplar do jogo de damas feito no Egito, no período da xx Dinastia (1320-1085 a.C.) .....	76
Figura 32 – Anel africano. ....	77

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Distribuição das fichas do Colégio.....	47
Gráfico 2 – Distribuição de fichas por nível na área NW.....	47
Gráfico 3 – Variação morfológica das fichas da área NW por nível estratigráfico.....	49
Gráfico 4 – Variação composicional por nível estratigráfico da área NW.....	50
Gráfico 5 – Distribuição de fichas por nível na área SE.....	51
Gráfico 6 – Variação morfológica da área SE por nível estratigráfico.....	53
Gráfico 7 – Variação composicional da área SE por nível estratigráfico.....	54
Gráfico 8 – Quantidade de fichas por nível na área NE.....	55
Gráfico 9 – Variação morfológica da área NE por nível estratigráfico.....	57
Gráfico 10 - Variação composicional por nível da área NE.....	58

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Intervalo de deposição da área Noroeste.....	40
Tabela 2 – Intervalo de deposição da área Sudeste. ....	40
Tabela 3 – Intervalo de deposição área Nordeste.....	40
Tabela 4 - Variação morfológica das fichas das áreas NW, SE e NE. ....	59
Tabela 5 - Variação composicional das áreas NW, SE e NE. ....	60

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1. HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA DAS PRÁTICAS LÚDICAS ....	15
1.1. Conceituação: Práticas lúdicas e sociedade .....	15
1.2. A arqueologia das práticas lúdicas: as fichas de jogos .....	18
2. O COLÉGIO DOS JESUÍTAS .....	23
2.1. O antes, o depois e o agora: a história por trás do Colégio .....	23
2.2. As populações escravizadas .....	27
2.3. As pesquisas arqueológicas no Colégio .....	31
3. O JOGO NO COLÉGIO DOS JESUÍTAS .....	42
3.1. A escravidão e as práticas lúdicas .....	42
3.2. As fichas do Colégio .....	43
3.2.1. A utilização das fichas em diferentes jogos .....	66
a) <i>Mankala</i> .....	66
b) Dados.....	67
c) Jogo do galo.....	69
d) Corrida da hiena.....	69
e) <i>Sey</i> .....	70
f) <i>Yoté</i> .....	71
g) Pombo.....	72
h) <i>Obwisana</i> .....	73
i) Gamão.....	73
j) Damas.....	74
k) Anel africano.....	76
CONCLUSÃO .....	78
REFERÊNCIAS .....	83

## INTRODUÇÃO

As práticas lúdicas configuram um tema pouco explorado pela arqueologia e, em se tratando dos contextos de escravidão, é praticamente inexistente no Brasil<sup>1</sup>. Portanto, este trabalho objetiva caracterizar e interpretar os objetos modificados de diferentes tipos morfológicos e composticionais encontrados nas três etapas de escavação do Colégio dos Jesuítas de Campos dos Goytacazes (RJ). Tais objetos foram classificados como possíveis fichas de jogos pelo embasamento em pesquisas arqueológicas realizadas em outros sítios nas Américas em contexto de escravidão, bem como em um sítio de Portugal datado entre os séculos XV e XVIII.

Para a análise das fichas do Colégio foi realizado um levantamento bibliográfico buscando caracterizar a presença desse tipo de material em contextos da diáspora africana, constatando-se que tais artefatos são comuns em sítios históricos ligados a populações afro-diaspóricas, principalmente nos Estados Unidos e no Caribe (GOODE, 2009; PANICH *et al*, 2017; STRIEBEL MACLEAN, 2015; WILKIE, 1995; RUSSEL, 1997).

As fichas do Colégio foram exumadas em três etapas de escavação que ocorreram, em 2012, na área NW (datada entre 1820 e 1860) e de onde foram recuperadas 38 fichas; em 2014, na área SE (datada entre 1835 até o século XX) de onde foram retiradas 37 fichas; e em 2016, na área NE (datada entre o final do século XVII e início do XX) de onde saíram 104 fichas.

O Solar do Colégio, construído pelos padres da Companhia de Jesus, pertenceu à essa ordem religiosa até o ano de 1759, quando foram expulsos pelo Marquês de Pombal. Em 1781 ele passou a ser residência do português Joaquim Vicente dos Reis, um rico comerciante de escravos (FERREIRA, 2014). Já nas primeiras décadas do século XIX, a fazenda mantinha pelo menos 1500 cativos, classificados como crioulos, pardos e cabras nos documentos da época.

Atualmente, o Solar é a sede do Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes. Contudo, a Fazenda do Colégio pertenceu aos descendentes de Joaquim Vicente até o ano de 1980, quando eles, junto às comunidades descendentes

---

<sup>1</sup> Com exceção de Symanski e Osório (1996).

da população escravizada do Colégio que viviam na área da senzala, foram desapropriados.

As pesquisas arqueológicas sobre a escravidão ganharam notoriedade a partir da década de 1970 e, no Brasil, àquelas relacionadas a resistência tiveram como destaque Guimarães (1980) que realizou estudos arqueológicos em quilombos de Minas Gerais.

Percebe-se então, que as pesquisas sobre a diáspora africana na arqueologia têm ocorrido há apenas algumas décadas e por isso, ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas, inclusive aquelas relacionadas às práticas lúdicas. A materialidade encontrada em sítios em contextos de escravidão, ajuda a compreender sobre o cotidiano das populações escravizadas e a forma como elas lidavam com o mundo à sua volta.

A África é o berço da humanidade e foi nela também que nasceu o jogo de tabuleiro mais antigo do mundo, a *mankala* (Os Melhores Jogos do Mundo, 1978). Portanto, é necessário mostrar o quanto o campo lúdico para as populações africanas é importante e romper com o silêncio acadêmico sobre esse assunto, principalmente quando se trata de um contexto de cativeiro.

Autores como Brougère (2001), Huizinga (1971) e Nogueira (2013) ressaltam a importância do jogo como elemento construtor de cultura e como instrumento passível de marcar as mudanças sociais. Assim, pretendendo explorar a significância das práticas lúdicas na senzala do Colégio, essa pesquisa se estruturou da seguinte maneira: no capítulo 1 “História, Arqueologia e Antropologia das práticas lúdicas” é apresentada uma breve bibliografia que lida com a história dos jogos com uma perspectiva antropológica. No item 1.2 é feita um apanhado geral sobre a presença das fichas em pesquisas arqueológicas, onde é ressaltado o contexto afro-diaspórico. No capítulo 2 “O Colégio dos Jesuítas” é exposto o contexto do sítio do Colégio, onde é contada a história da fazenda e das populações escravizadas que lá viveram, bem como das pesquisas arqueológicas realizadas no sítio. No capítulo 3 “O jogo no Colégio dos Jesuítas” são reportados os resultados da análise do material tido como lúdico, classificado como possíveis fichas de jogos, retomando à bibliografia consultada para estabelecer as comparações com as fichas do Colégio. Neste capítulo são apresentados alguns dos jogos nos quais as fichas poderiam ser utilizadas, tanto jogos africanos, quanto jogos de outras partes do mundo que de

alguma maneira contribuíram para o processo de crioulização ocorrido com as comunidades escravizadas.

A Crioulização é um conceito que tem sido empregado para discutir a emergência de identidades afro-diaspóricas nas Américas, sendo definido como “um processo envolvendo interações e trocas multiculturais que resultaram em novas formas culturais buscando desse modo, incluir a experiência do Novo Mundo sobre todos os grupos populacionais, inclusive os euro-americanos” (SINGLETON, 1998:177). Nesse trabalho quando se remete a crioulização, é considerado o contexto e as especificidades étnicas, sem admiti-la como algo estático e homogêneo. Com base nessas considerações, a pesquisa se dedicou em descrever jogos de origem africana.

Outra ponderação a ser feita, relaciona-se aos termos escravo e escravizado, para essa pesquisa não é considerada distinção entre os termos, pois se trata de uma discussão secundária, assim, os termos são utilizados como sinônimos sem que sejam considerados valores conceituais.

# 1. HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA DAS PRÁTICAS LÚDICAS

Devido à pouca pesquisa sobre as práticas lúdicas com um viés antropológico e arqueológico, neste capítulo será apresentada uma breve revisão bibliográfica relativa à essas práticas, contemplando alguns dos poucos estudos realizados sobre o tema.

Também serão levantados alguns dos resultados sobre as pesquisas que contemplam as fichas de jogos produzidas a partir de diferentes suportes materiais, que têm aparecido principalmente em contexto de escravidão nas Américas.

## 1.1 – Conceituação: Práticas lúdicas e sociedade

Para a contextualização do assunto serão expostos inicialmente, alguns dos significados das palavras jogo, brincadeira e lúdico.

De acordo com o dicionário Aurélio (2004) o jogo é: “s.m. 1. Atividade física ou mental fundada em sistema de regras que definem a perda ou o ganho. 2. Passatempo” (AURÉLIO, 2004:497); a brincadeira por sua vez é “sf 1. Ato ou efeito de brincar. 2. Brinquedo (2). 3. Entretenimento, passatempo, divertimento; brinquedo” (AURÉLIO, 2004:188); e por fim, o lúdico é “adj. Relativo a jogos, brinquedos e divertimentos” (AURÉLIO, 2004:524).

As definições apresentadas demonstram que o jogo e a brincadeira referem-se à práticas que geram algum tipo de divertimento. Já o lúdico é a palavra que caracteriza os divertimentos de um modo geral, sendo assim, ele compreende tanto os jogos quanto as brincadeiras.

Nogueira (2013) analisa autores que discorrem sobre a historiografia dos jogos desde a era medieval no Ocidente, dentre eles está Jean-Michel Mehl (MEHL, 1990 *apud* NOGUEIRA, 2013:65) que aponta dois termos para o jogo, o primeiro termo vem do latim *jocus* e se refere a brincadeira ou farra. O plural *joci* além das brincadeiras e divertimentos abrange também todo o tipo de distração como cantos, danças, etc. Esse é o vocábulo empregado na atualidade. O segundo termo é o *ludus* que determina os jogos públicos e militares, os divertimentos, brincadeiras ou farras. Embora as definições sejam semelhantes a autora revela que existe diferenças entre os dois termos, mas não em todas as épocas históricas.

Para Brougère (2001) os jogos são o resultado de uma associação entre valores simbólicos e função, desta forma, eles são destinados tanto aos adultos quanto às crianças, “assim, os objetos lúdicos destinados aos adultos são chamados exclusivamente de jogos e são definidos pela sua função lúdica” (BROUGÈRE, 2001:12 e 13), entretanto, o autor pondera que em alguns casos os símbolos ancestrais podem se perder em meio à estrutura do jogo, como ocorre com o jogo de xadrez.

Segundo J. Huizinga (1971:3) o jogo é mais antigo que a própria cultura entendida pelo autor como uma construção exclusivamente humana, pois os animais brincam e já brincavam antes de a humanidade iniciar suas atividades lúdicas. Assim, o autor considera que

“o jogo ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função *significante*, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo existe alguma coisa “em jogo” que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa. (...) Seja qual for a maneira que o considerem, o simples fato de o jogo encerrar um sentido implica a presença de um elemento não material em sua própria essência” (HUIZINGA, 1971: 3-4).

Isto posto, é possível perceber que ambos os autores consideram que no jogo há algo que excede a função, ou seja, por trás da função lúdica há também um significado simbólico.

Em contrapartida, os autores discordam sobre o aspecto natural do jogo, enquanto Huizinga (1971) afirma que o jogo é uma função primária da vida não exclusiva à humanidade e que “os seres humanos não acrescentaram nenhuma característica essencial à ideia geral de jogo” (HUIZINGA, 1971:03), Brougère (2001) defende que

É preciso, efetivamente, romper com o mito da brincadeira natural. A criança está, desde o seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por essa imersão inevitável. Não existe na criança uma brincadeira natural. A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura. É preciso partir dos elementos que ela vai encontrar em seu ambiente imediato, em parte estruturado por seu meio, para se adaptar às suas capacidades. A brincadeira pressupõe uma aprendizagem social. Aprende-se a brincar. A brincadeira não é inata, pelo menos nas formas que ela adquire junto ao homem. (BROUGÈRE, 2001: 97-98).

Embora as duas abordagens tenham concepções divergentes, ambas buscam respostas a partir da função social do jogo. Huizinga (2001) procura identificar os jogos ao longo da existência da humanidade, isto é, como eles foram se modificando a partir da introdução de elementos culturais, tendo a existência do jogo anterior à cultura como algo dado. O autor pretende compreender e avaliar o jogo em uma perspectiva considerada por ele como totalizante, mas sem se aprofundar nas funções biológicas e psicológicas.

Maria Ephigênia Cáceres Nogueira (2013) faz um estudo minucioso a respeito dos jogos e das brincadeiras no Brasil colonial. Nele a autora utiliza dados e estudos historiográficos para tentar compreender quais os tipos de jogos prevaleceram e o que eles revelam sobre as diferentes culturas lúdicas presentes no Brasil e no mundo.

Para ela o jogo é polissêmico e detentor de uma pluralidade de funções que permitem a “multiplicidade de pontos de vista ou dos ângulos de análise psicológica, sociológica, iconográfica, psicanalítica, lexicográfica, jurídica dos documentos” (NOGUEIRA, 2013:77). É através dessas características existentes nos jogos que é possível relacioná-los com as mudanças sociais.

Huizinga (1971) afirma que “o jogo é uma função da vida” (p. 10) que dá ao indivíduo o direito de escolher se quer jogar ou não. O jogo não é algo imposto, se assim o fosse deixaria de ser jogo e “ele nunca constitui uma tarefa, sendo sempre praticado nas horas de ócio. Liga-se a noções de obrigação e dever apenas quando constitui uma função cultural reconhecida, como no culto e no ritual” (HUIZINGA, 1971:11).

O autor anteriormente citado se posiciona contrariamente à ideia de que o jogo é oposto à seriedade, para ele o futebol e o xadrez, por exemplo, são jogos profundamente sérios e que não há nos jogadores nenhuma tendência ao riso. Para elucidar tal afirmação ele cita que o ato de rir é característica fisiológica exclusiva dos seres humanos, mas a função significante do jogo é comum tanto à humanidade quanto aos animais.

Marcel Griaule (1938) ao estudar os jogos dos Dogon, um grupo étnico que habita o platô central do Mali, opta por analisar somente os jogos infantis, pois para ele os jogos adultos são “obrigatórios e sérios” (GRIAULE, 1938:3) e desta forma, relatá-los sobre carregaria sua obra.

Huizinga (1971) e Griaule (1938), publicaram suas respectivas obras no mesmo ano (1938), no entanto, é possível perceber que as opiniões dos autores relacionadas aos jogos são concorrentes. O primeiro entende o jogo como um ato voluntário, seja o adulto ou o infantil; o segundo percebe os jogos adultos como obrigatórios, mas os infantis como uma atividade “menor” (GRIAULE, 1938:3). Entretanto, os dois autores concordam que nos jogos há algo de sério, para Griaule (1938) somente nos jogos adultos, para Huizinga (1971) em qualquer jogo indistintamente.

Embora afastados em algumas colocações, os dois autores citados anteriormente, assim como Brougère (2001) reconhecem a função que o jogo tem na construção dos jogadores como seres humanos inseridos em um meio cultural.

Se como afirma Huizinga (1971:193), a vida é penetrada pelo jogo, sendo que, “o ritual teve origem no jogo sagrado, a poesia nasceu do jogo e dele se nutriu, a música e a dança eram puro jogo”, as comunidades africanas escravizadas, as quais interessam diretamente essa pesquisa, estavam profundamente inseridas nos jogos: nos jogos de guerra nos quais eram capturadas, nos jogos de poder aos quais acabavam submetidas pelo sistema em voga. Mas elas também jogavam seus próprios jogos, no bater de palmas e tambores que ritmavam o trabalho, nos cultos e nas danças realizados longe dos olhos do senhor (CASTANHA, 2008:18). Elas faziam do jogo o fator cultural que ajudava a dar sentido à vida. Nesta monografia serão abordadas as expressões materiais dessas práticas, reveladas, sobretudo, pelas fichas de material cerâmico encontradas nos contextos da senzala do Colégio dos Jesuítas de Campos dos Goytacazes (RJ).

## 1.2 – A arqueologia das práticas lúdicas: as fichas de jogos

Na arqueologia, os jogos ou os divertimentos, de um modo geral, não têm ocupado parte significativa das pesquisas. Em se tratando da escravidão, as pesquisas sobre jogos se tornam ainda mais inexpressivas. Mas, se o jogo é uma prática que acompanha a humanidade desde seus primórdios, por que os arqueólogos ainda não se interessaram em estudá-lo?

A resposta para essa pergunta pode estar na ausência de artefatos em sítios arqueológicos que remetam diretamente aos jogos, no entanto, devido ao aparecimento de discos cerâmicos modificados em sítios de diferentes contextos,

alguns pesquisadores, principalmente estadunidenses, têm voltado a atenção para as práticas lúdicas. Esses discos são comumente classificados como fichas de jogos.

De acordo com Panich e colaboradores (2017:2) os discos cerâmicos modificados são artefatos comuns em sítios históricos nos Estados Unidos, porém, como já dito, são pouco estudados. Os autores pesquisaram três sítios californianos que remetem ao período colonial, nos quais encontraram um total de 130 discos modificados, dentre eles havia também discos perfurados, habitualmente classificados como fusos de tear. Eles concluem que os nativos californianos modificavam regularmente a cerâmica para usá-la como peças em jogos de azar. Para eles esses jogos facilitaram a coesão social e permitiram que os nativos “navegassem os complexos mundos sociais do período colonial” (PANICH et al., 2017:2).

Striebel Maclean (2015), Armstrong (1990) e Singleton (2015) são alguns dos autores que noticiaram a presença de peças cerâmicas modificadas em sítios da diáspora africana no Caribe. A primeira autora encontrou mais de uma dúzia de discos feitos de louça as quais ela constatou que parecem ter sido selecionadas e trabalhadas para criarem um lado estampado e colorido. Casos semelhantes ocorreram também nos sítios estudados por Panich et al. (2017), onde muitas peças possuíam uma face decorada e a outra não, de modo que poderiam ser diferenciadas.

Em alguns dos sítios estudados não aparecem somente peças em formatos arredondados ou discoidais, há também artefatos em formas losangulares, triangulares, quadradas, retangulares ou trapezoidais e elas podem ser furadas ou não, serem decoradas ou não. Para os autores como MacLean (2015), Panich et al. (2017) e Singleton (2015), a função lúdica das fichas remete a jogos como gamão, damas, *chiney money*<sup>12</sup> e cara ou coroa, mas também podem ser variantes da *mankala*, nome genérico utilizado por antropólogos para designar uma família de jogos de tabuleiro de origem árabe amplamente difundida no continente africano (PEREIRA e JÚNIOR, 2016:97).

MacLean (2015) insere em sua tese uma ilustração (Figuras 1 e 2) de 1775 que mostra três homens negros (provavelmente escravizados, pois estão descalços) jogando peças brancas arredondadas no chão, que podem ter sido feitas a partir de algum material cerâmico.

---

<sup>12</sup> Jogo em que se utilizam três peças de tamanho e forma semelhantes a uma moeda feito de cacos de louça ou porcelana, comumente estampados com uma paisagem chinesa em um dos lados. Por isso o nome que em português significa “dinheiro chinês” (MACLEAN, 2015: 333).

É importante lembrar que os jogos de *mankala*, embora utilizem tabuleiros, não raro são jogados no chão, onde são feitas pequenas concavidades para a deposição das peças (que podem ser sementes ou peças pequenas, como pedrinhas).



**Figura 1 – “A view of the Island of Antigua”, de Thomas Hearne**

Fonte: Striebel MacLean (2015: 334)



**Figura 2 - Detalhe nos homens jogando os discos brancos de Thomas Hearn, “A view of the Island of Antigua”**

Fonte: Striebel MacLean (2015: 334)

Charles Goode (2009) documenta a presença de pequenos objetos de cerâmica, pedra e vidro em sítios da Virgínia ocupados por escravos de campo no fim

do século XVIII e início do XIX. O autor, baseado em estudos preliminares realizados nas *plantations* escravistas do Caribe, apresenta a hipótese sobre a utilização desses artefatos em jogos, entretanto, ele acredita que esses pequenos objetos não foram feitos por ação humana, mas sim pela digestão nas moelas de galinhas. Sendo assim, ele presume que esses itens tenham sido utilizados pelos escravos, mas a falta de documentação sobre os jogos entre os africanos e afro-americanos cativos na América do Norte, dificulta a interpretação. Com isso, pela evidência da presença de galinhas no sítio, ele prefere falar sobre as práticas alimentares das populações escravizadas, mas não descarta a possibilidade do uso dos pequenos artefatos em rituais religiosos ou jogos.

Outras inferências aparecem em Wilkie (1995), que busca compreender o significado de artefatos que pertenceram a afro-americanos escravizados em uma *plantation* da Lousiana. Ainda que a autora declare que o significado das cerâmicas modificadas não estejam claros, ela levanta possibilidades de uso de tais peças como amuletos, bem como objetos em práticas divinatórias. Ela reitera a importância que as pedras polidas pela água têm para algumas populações africanas, pois elas carregam o poder espiritual que vem das águas. Outra hipótese, apresentada pela autora é a de que esses objetos tenham sido utilizados como abrasadores.

No Brasil, Symanski e Osório (1996), ao estudarem sítios históricos oitocentistas de Porto Alegre comunicam a presença de fragmentos arredondados em suportes cerâmico e de vidro que foram lascados e polidos. Para interpretarem essa materialidade, os autores se basearam nos estudos de Russel (1997) que informam a presença de artefatos semelhantes em contextos de regime escravista nos Estados Unidos e na Jamaica. Desta forma, os autores chegam a um consenso de que se tratam de fichas de jogos, mas destacam a dificuldade de inferir em qual ou quais jogos essas fichas podem ter sido usadas, dado terem sido descartadas na área de refugo de um solar oitocentista da elite porto-alegrense. Os autores chegam a conclusão de que as fichas menores foram utilizadas em substituição às peças perdidas em um jogo de gamão, inventariado pelo antigo dono da propriedade.

Em Portugal, Sousa (2011) encontrou 36 fichas confeccionadas em suportes de faiança fina e portuguesa, que datam do século XV ao início do século XVIII, o autor atribui essas fichas a jogos de tabuleiro como o gamão, as damas e o jogo do galo.

No Colégio dos Jesuítas foram encontrados quase 180 fragmentos modificados classificados, de acordo com a bibliografia anteriormente mencionada, como possíveis fichas de jogos. Essas fichas estavam presentes em todos os setores escavados e em todos os níveis estratigráficos, o que demonstra que elas foram utilizadas em práticas que perduraram no tempo e se distribuíram no espaço.

Em suma, é possível observar que as peças modificadas aparecem em diferentes contextos, como em missões que abrigavam nativos norte-americanos (PANICH et al., 2017); em fazendas escravistas (GOODE, 2009; PANICH *et al*, 2017; STRIEBEL MACLEAN, 2015; ARMSTRONG, 1990; SINGLETON, 2015; WILKIE, 1995; RUSSEL, 1997); e também na Europa, no berço do colonizador (SOUSA, 2011). Ao longo das pesquisas elas também adquiriram diferentes interpretações.

## 2. O COLÉGIO DOS JESUÍTAS

### 2.1 - O antes, o depois e o agora: a história por trás do Colégio

A Companhia de Jesus, fundada pelo padre Inácio de Loyola e aprovada em 1540 pelo papa Paulo III, é uma instituição religiosa que teve forte atuação no sistema de ensino no Brasil colonial (NOGUEIRA, 2013; MARCH, 1913).

A criação de colégios e universidades não fazia parte dos planos iniciais de Inácio de Loyola, entretanto, ele percebeu que o ensino sobre as bases jesuíticas era primordial para a renovação da fé cristã e a propagação do Reino de Deus nas terras onde havia missões (NOGUEIRA, 2013:29). “O projeto era, ao mesmo tempo, missionário e religioso, político, colonizador e econômico” (NOGUEIRA, 2013:30).

A ideia de construir colégios funcionou bem tanto para a Igreja Católica, pois onde eles se instalaram conseguiram deter a Reforma Protestante (NOGUEIRA, 2013), quanto para os jesuítas de um modo particular, visto que a Ordem acumulou muitas riquezas ao longo de sua existência (MARCH, 1988). Francis Bacon, antigo aluno de um colégio jesuítico, faz o seguinte comentário sobre o ensino jesuítico: “quanto a pedagogia, examinai as escolas jesuítas; não se fez nada de melhor” (The Works of Francis Bacon, vol.I, p.709 *apud* NOGUEIRA, 2013:29). Desta forma, as atividades dos padres jesuítas se espalharam pela Europa, Ásia, Oriente e também pelas colônias nas Américas.

Em 1749, a Ordem somava 728 colégios em todo o mundo (NOGUEIRA, 2013; MARCH, 1988). No Brasil a atuação da Companhia de Jesus se deu por dois séculos e influenciou profundamente a Educação (NOGUEIRA, 2013).

A Fazenda do Colégio dos Jesuítas, está localizada em Campos dos Goytacazes, no norte fluminense. O nome da cidade é uma referência aos Goytacaz, um dos grupos indígenas que ocupavam a região e que resistiram fortemente à ocupação dos portugueses. Os Goytacaz, considerados “ferozes e bravios” (SYMANSKI, GOMES & SUGUIMATSU, 2015:95), conseguiram impedir que os portugueses se apossassem daquelas terras por quase um século e meio (REIS, 2011; LAMEGO, 1974).

A história mais aceita sobre a ocupação da região de Campos dos Goytacazes é a de que Pedro (Pero) de Góis, um fidalgo português, recebeu a Capitania de Paraíba do Sul (ou São Tomé) como doação do rei português, D. João III, em 1536.

A Capitania media trinta léguas e se localizava entre a Capitania do Rio de Janeiro e a do Espírito Santo (PARANHOS, 1999). Pedro de Góis então, firmou-se às margens do Rio Paraíba, onde iniciou o plantio de cana-de-açúcar (OSCAR, 1985). Em um determinado momento, o fidalgo português viajou à Lisboa a fim de buscar incrementos que ajudassem em seus engenhos e, ao retornar, encontrou a Capitania abandonada em decorrência dos ataques dos Goytacaz e dos Puris (PARANHOS, 1999).

Pedro de Góis retirou-se da Capitania de São Tomé em 1548 e ela permaneceu abandonada até o ano de 1570, quando aventureiros ingleses lá se estabeleceram (PARANHOS, 1999).

Em 1619, mesmo ano em que os padres jesuítas partem com a missão de dominar os Goytacaz (AZEVEDO, 2019), Gil de Góis, neto de Pedro de Góis, renunciou à Capitania de São Tomé que ficou abandonada até o ano de 1627, quando a Coroa portuguesa outorgou parte dela aos Sete Capitães<sup>3</sup>. Eles eram senhores de engenho que pediram ao governador da Capitania do Rio de Janeiro sesmarias para o cultivo de cana-de-açúcar (PARANHOS, 2010).

Paranhos (2010) afirma que em 1630, Martim Correia de Sá, filho do Governador do Rio de Janeiro e primeiro visconde de Asseca, concedeu uma das sesmarias da Capitania de São Tomé aos padres jesuítas, capitania concedida a ele pelo próprio pai.

No que concerne a esse episódio, Antogui Barroso March (1988) coloca que na metade do século XVII a maior parte da Fazenda do Colégio foi concedida aos jesuítas também por meio de doações, assim ele faz a seguinte assertiva:

(...) dois<sup>4</sup> dos sete capitães cessionários de parte das terras desprezadas pelo donatário da Capitania, Gil de Góes, pressionados pelo Governador do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá e Benevides, foram forçados a dividir suas terras e entregar sua maior parte aos padres jesuítas e beneditinos (...). Deu-se nesse episódio, uma espécie de barganha: a compra do silêncio dos padres jesuítas e beneditinos, principalmente dos primeiros que já dominavam a maior parte da planície (...). O êxito da usurpação só estaria de certo modo garantido e firmado, como o foi, um tal compromisso de boa vizinhança. (MARCH, 1988:50).

---

<sup>3</sup> Miguel Ayres Maldonado, Miguel da Silva Riscado, Antônio Pinto Pereira, João de Castilho, Gonçalo Correia de Sá, Manuel Correia e Duarte Correia (OSCAR, 1985).

<sup>4</sup> Miguel Ayres Maldonado e Antônio Pinto (OSCAR, 1985).

Oscar (1985) declara que a Capitania de São Tomé foi concedida a Martim Correia de Sá em 1674, um ano depois foi fundada a Vila de São Salvador, que deu origem a Campos dos Goytacazes.

Os historiadores não têm um consenso quanto as datas que dizem respeito a ocupação da região de Campos, mas existe um consentimento com relação a doação das terras aos padres da Companhia de Jesus e que estes últimos participaram ativamente na dominação dos povos nativos.

Em meados do século XVII, foram criadas as fazendas jesuíticas de Macaé, São João da Barra e a de Campos dos Goytacazes - a Fazenda do Colégio - a maior dentre elas (AZEVEDO, 2019). Esse século, foi marcado por intensas disputas por terras nas quais estavam envolvidos colonizadores, religiosos, bandeirantes e indígenas, estes últimos sofrendo constantemente com “a fome, o trabalho forçado e a desorganização do seu espaço e crenças” (AZEVEDO, 2019:36).

Mediante esse cenário, as reduções jesuíticas ou aldeamentos indígenas construídos com o fim de “civilizar” o índio, se tornavam um refúgio para esses povos que buscavam proteção, mas no fim a catequização do nativo acabava contribuindo para a exploração de sua mão-de-obra (AZEVEDO, 2019).

Nas reduções, os indígenas passavam por uma reformulação na qual o processo civilizatório era facilitado. As casas comunais foram substituídas por habitações nucleares que rodeavam as igrejas. Uma configuração semelhante à essa foi “encontrada na disposição da senzala com o convento do Colégio dos Jesuítas, onde o ordenamento da senzala formava o pátio de frente para a igreja que dividia as duas alas do convento” (AZEVEDO, 2019:36).

Segundo March (1988) o Colégio foi construído em uma planície mais acentuada onde os ventos minimizam-se e o sol não causava calor, mas brilhava demoradamente, nas palavras do autor “a posição da construção em relação à direção dos ventos não poderia ser outra: tanto a das casas da senzala, como a do próprio solar, sua colocação é perfeita” (MARCH, 1988:52).

Em 1759, por meio de uma decisão política do Marquês de Pombal, os jesuítas foram expulsos do Brasil, desta maneira todos os bens pertencentes aos inacianos foram confiscados e leiloados, incluindo as fazendas e os escravos. A Fazenda do Colégio foi confiscada e passou a ser gerida pela Coroa (AZEVEDO, 2019). De acordo com March (1988), nessa ocasião “havia nela, além das rendas, dos sítios,

construções, boas terras, mil e oitocentos escravos e dezoito a vinte mil cabeças de gado" (p.51), não por acaso, ela era a maior propriedade em Campos dos Goytacazes.

No ano de 1781 a Fazenda do Colégio foi arrematada por Joaquim Vicente dos Reis, um rico português comerciante de escravos (FERREIRA, 2014, AZEVEDO, 2019). Nessa época o contingente de escravos era de aproximadamente 1.600 e havia cerca de 18.000 cabeças de gado (MARCH, 1988).

Saint-Hilaire (1941) hospedou-se no Colégio em 1818 e naquela oportunidade observou que "em um dos lados da fazenda há uma olaria e a alguma distância, um edifício inteiramente isolado onde tratam os doentes" (p. 417). Desse modo, March (1988:65) relata que Joaquim Vicente dos Reis quando arrematou a Fazenda do Colégio, encontrou nela uma cerâmica em funcionamento e que atendia a construção das casas nos limites do latifúndio. Serafim Leite (1945) afirma que a fazenda possuía uma fábrica de cerâmica, uma enfermaria, plantações de cana-de-açúcar e um engenho quando ela ainda pertencia aos jesuítas.

No tempo de Joaquim Vicente dos Reis a capacidade de produção do engenho da Fazenda do Colégio já superava a da maioria dos demais engenhos da região (MARCH, 1988). Couto Reis (2011) descreve os bens do antigo proprietário no ano de 1785, neles constavam 8.618 arrobas de açúcar, 1.482 cativos, desse total, 765 eram crianças, 9.625 cabeças de gado bovino, dentre outros bens. Tais cifras refletem a expressividade dos bens de Vicente dos Reis.

Joaquim Vicente dos Reis faleceu em 1818 (1813, segundo March, 1988), seus bens foram herdados por suas três filhas, Maria Joaquina do Nascimento, Ana Bernardina do Nascimento Reis e Joana Bernardina do Nascimento Reis, porém foi Sebastião Gomes Barroso, marido de Joana Bernardina e membro de uma importante família de comerciantes do Rio de Janeiro, quem ficou com a Fazenda do Colégio (GUGLIELMO, 2011; SUGUIMATSU, 2016). Todavia, Barroso faleceu em 1843 e suas propriedades foram divididas entre seus dois herdeiros. O Tenente-Coronel Francisco de Paula Gomes Barroso foi o filho incumbido de administrar a Fazenda e o Solar do Colégio (SUGUIMATSU, 2016).

Após alguns desentendimentos e "querelas" a antiga propriedade dos jesuítas é assumida por João Baptista de Paula Barroso, filho de Francisco de Paula Gomes Barroso. O último membro da família Barroso a residir no Solar foi João Baptista Vianna Barroso, que lá permaneceu até a desapropriação em 1977 pelo decreto

estadual nº 1.986 (MARCH, 1988:110). A desapropriação afetou também uma comunidade afrodescendente que se manteve na mesma quadra que conformava a senzala. Essa comunidade é em grande parte descendente direta dos antigos cativos do Colégio (SYMANSKI, GOMES & SUGUIMATSU, 2015:98).

Em 20 de maio de 1946, o Solar do Colégio (Figura 3) foi inscrito no Livro do Tombo do antigo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e desde 2001 o Solar é sede do Arquivo Público de Campos dos Goytacazes.



**Figura 3 - Solar do Colégio Jesuítas.**

Fonte da foto: Instituto Historiar. Disponível em: <<http://institutohistoriar.blogspot.com.br/2009/06/de-solar-do-colegio-arquivo-publico.html>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

Fonte do mapa: (SUGUIMATSU, 2016).

## 2.2. As populações escravizadas

Barroso March (1988) declara que os propósitos catequéticos dos padres da Companhia de Jesus para o Colégio foram aos poucos se diluindo pela influência de diversos fatores sociais e econômicos aos quais a Fazenda do Colégio foi submetida. O autor aponta dois motivos para que isso ocorresse, um em virtude do crescimento físico da sesmaria e o outro pelo rareamento de indígenas a serem catequizados. Nesse ponto, ele coloca como hipóteses para a redução dos “silvícolas” (termo

utilizado pelo autor) a própria conversão e, o massacre de caçadores de cativos, com a consequente fuga daqueles. Contudo, para Symanski, Gomes & Suguimatsu (2015) foi o fim da escravização do índio que culminou em sua diminuição.

March (1988) então, constata que a escassez da mão-de-obra indígena e o crescimento das atividades econômicas da fazenda tornaram imperiosa a utilização de mão-de-obra mais volumosa e especializada. Para tanto, os padres investiram naquela fornecida pelo regime vigente, o escravocrata.

Apesar disso, a entrada de escravos africanos na Capitania de São Tomé só se torna substancial a partir do último quartel do século XVIII, dado que no fim do século XVII e ao longo do século XVIII, a população africana em Campos era exígua. Até meados do século XVIII, a população dessa região era predominantemente indígena ou mestiça de origem indígena (SYMANSKI, GOMES & SUGUIMATSU, 2015:95).

Logo, a mão-de-obra mais presente na região, nos primórdios da ocupação, era a de indígenas livres e escravizados que aos poucos misturou-se à mão-de-obra africana. Em detrimento do contato entre indígenas e africanos, o processo de crioulização, da região de Campos iniciou-se com essas duas populações, já que parecem ter sido comuns as uniões conjugais entre eles (SYMANSKI, GOMES & SUGUIMATSU, 2015:95).

A partir de 1759, com a expulsão dos jesuítas, a senzala do Colégio deixa de receber as populações africanas (AZEVEDO, 2019), no entanto, o contingente de cativos não diminui consideravelmente entre os anos que se seguiram da expulsão até o ano em que Joaquim Vicente dos Reis assume a propriedade (1781). Como mencionado previamente, Couto Reis (2011) comunica que em 1785 dos 1482 cativos mantidos na Fazenda do Colégio, 765 eram crianças, 340 eram homens e 377 eram mulheres. As outras fazendas da região de Campos tendiam a ter mais homens que mulheres e o contingente de crianças era bem reduzido. Esse padrão apresentado no Colégio, demonstra haver a reprodução natural entre os escravizados, sem a introdução de novos cativos através do tráfico (SYMANSKI, GOMES & SUGUIMATSU, 2015:95), isso de fato, explica o alto número de cativos, mesmo após cessar o tráfico.

De acordo com os dados do inventário de 1843 pertencente a Sebastião Gomes Barroso, a população escravizada se resumia em 1111 cativos, dentre eles 579

mulheres e 532 homens (SYMANSKI, GOMES & SUGUIMATSU, 2015:99). Baseando-se nos relatos de Saint-Hilaire (1941) de 1816, que constata a presença de 1500 cativos, percebe-se que houve um declínio de pelo menos 25% dessa população. Symanski, Gomes & Suguimatsu (2015) sugerem que esse decréscimo ocorreu devido a partilha de bens entre os herdeiros de Joaquim Vicente dos Reis, que possivelmente, impactou a comunidade escravizada por se ver obrigada a deixar o Colégio e seus afins.

Conforme os autores citados anteriormente, esse mesmo inventário de 1843, apresenta informações sobre a cor da pele dos cativos, tendo a maioria classificação crioula (63%). Em segundo lugar aparecem os cabras (22,86%) e por último, surgem os pardos (14,13%). Karash (2000) revela que no Brasil o termo crioulo era utilizado para caracterizar os escravos que nasciam no país, mas descendiam diretamente de pais africanos. O termo cabra era utilizado para designar escravos de ascendência mista, fosse de africanos com indígenas, fosse de ascendência indeterminada. Já pardo, assim como mulato, designava os escravos de ascendência mista, africana e europeia.

No Colégio, os escravos caracterizados como pardos, possivelmente, descendiam de africanos e indígenas devido a possível mestiçagem ocorrida durante o período em que a propriedade ainda era administrada pelos padres jesuítas (SYMANSKI, GOMES & SUGUIMATSU, 2015).

Além das designações para os escravos contidas no inventário de Sebastião Gomes Barroso, algumas etnias são apresentadas por Oscar (1985) no livro *Escravidão e Engenho*. Nele o autor apresenta trechos extraídos de um jornal do século XIX no qual aparecem escravos de nações como: Congo, Benguella, Caçange, Camões, Camondongo, Rebollo e Mohange. Para Campos as etnias predominantes nesses documentos são provenientes da África Centro-Oeste.

Há que se levar em conta que na maioria das vezes os africanos recebiam amplas identificações, nas quais eram utilizadas pelos traficantes “designações geográficas portuárias, regionais e costeiras, entre outras” (HALL, 2017:97). Essa era uma das estratégias para a organização do tráfico de escravos (MATTOS, 2006). Isso causava uma generalização nominal e acabava por não contemplar as etnias originais, sendo assim, segundo Hall (2017) alguns grupos africanos recebiam nomes

de outros grupos, embora isso não os impedissem de se identificarem entre os seus conterrâneos com seus próprios nomes e nações.

No que tange ao tratamento dispensado aos escravizados, há pouca referência histórica. March (1988), por exemplo, narra que Francisco de Paula Gomes Barroso era conhecido por sua generosidade, tanto com vizinhos, empregados ou cativos, inclusive, em sua gestão todos os cativos foram alforriados antes da abolição da escravidão reverberada pela Lei Áurea.

O autor também afirma que os moldes da escravidão no Colégio à época do Coronel Chiquinho (como era conhecido Francisco de Paula Gomes Barroso) “eram bem diversos do comum entre senhores, num nível de compreensão e humanidade muito acima do que se exercitava nas propriedades em que os estágios no sistema já se haviam desenvolvido no sentido de um tratamento mais benigno” (MARCH:1988:80). Não havia instrumentos de repressão como troncos e pelourinho e, aparentemente, nunca houve, nem mesmo quando a Fazenda do Colégio se encontrava sob a jurisdição dos jesuítas. March (1988) se baseou em relatos de sua mãe, de tios e tias que conheceram alguns dos escravos alforriados.

Não se pode perder de vista que o discurso de benevolência transmitido por March (1988), é uma narrativa da voz dos grupos dominantes, lembrando também que o autor citado, era bisneto de Francisco de Paula Gomes Barroso. Portanto, os relatos de March (1988), ainda que sejam verdadeiros, não podem e não devem minimizar a perversidade da escravidão. Nesse sentido, Saint-Hilaire (1941) à época em que esteve em Campos dos Goytacazes declara que

“Poder-se-ia supor que em Campos onde os proprietários não se envergonham de se entregar aos trabalhos agrícolas, manuais, os escravos, tornados de qualquer modo companheiros do homem livre, fossem tratados com doçura; mas infelizmente tal não se dá. Querem fazer açúcar cada ano mais, e assim sobrecregam os negros de trabalho, sem se inquietar com o prejuízo que ocasionam a si próprios, abreviando a existência desses infelizes”. (SAINT-HILAIRE, 1941: 403).

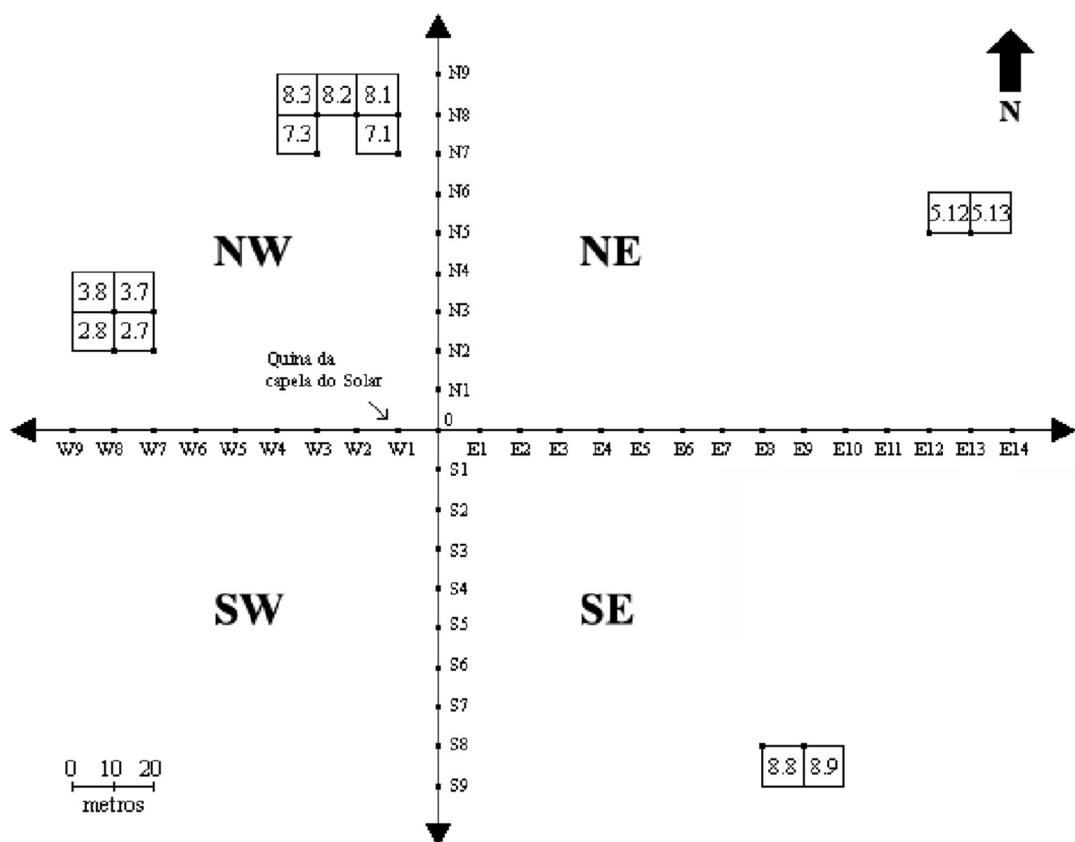
Vale ressaltar que o naturalista esteve em Campos antes que Francisco de Paula Gomes Barroso assumisse a administração da Fazenda do Colégio, assim, a fazenda ainda era gerenciada por Sebastião Gomes Barroso. Como Saint-Hilaire (1941) não faz ressalvas, não seria descabido entender que o tratamento desumano

dado aos escravos também ocorria na Fazenda do Colégio mesmo que em uma época anterior a do Coronel Chiquinho.

### 2.3. As pesquisas arqueológicas no Colégio

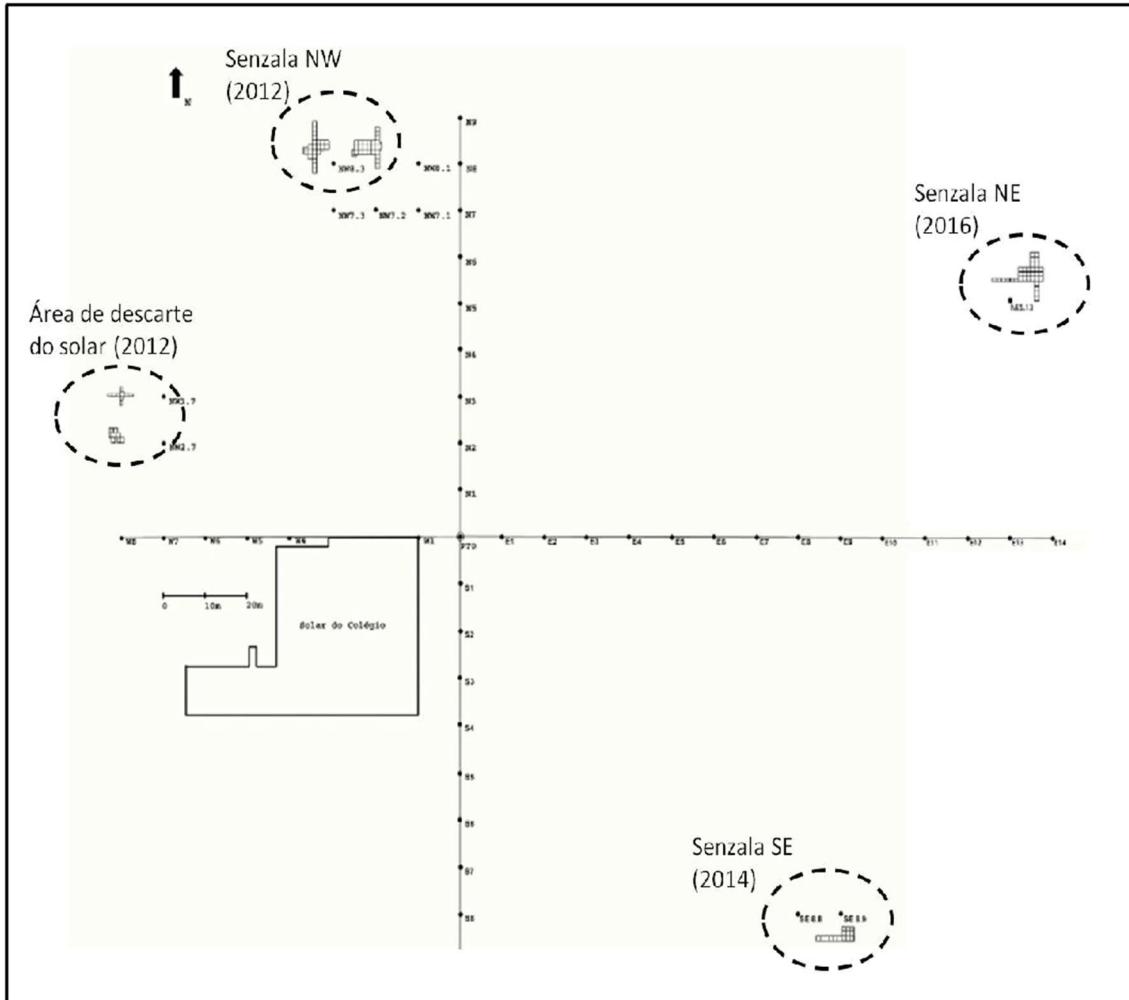
As escavações no Colégio ocorreram em três diferentes etapas que corresponderam a três distintas áreas da senzala (Figuras 4 e 5). No ano de 2012 foi escavada a área NW, em 2014, a área SE e por fim, em 2016, a área NE. As escavações se deram no âmbito dos projetos “Café com açúcar: Arqueologia da escravidão em uma perspectiva comparativa no Sudeste rural escravista – séculos XVIII e XIX” e “Arqueologia da escravidão em ordens religiosas do norte fluminense: o Colégio dos Jesuítas e a Fazenda dos Beneditinos – Campos dos Goytacazes, RJ”.

Para o início da pesquisa de campo a quina NW do Solar foi utilizada como o ponto zero. A partir desse ponto, o sítio foi dividido em quatro quadrantes, com um eixo no sentido N-S e o outro E-W e a partir deles foram nomeadas as áreas de intervenção (AZEVEDO, 2019). Esses quadrantes foram divididos em quatro quadras de 10m x 10m e, enfim, em quadrículas de 1m x 1m ou menores (GOMES, 2019).



**Figura 4 – Codificação das quadras de 10 x 10m onde foram realizadas as escavações no Colégio dos Jesuítas (2012-2016)**

Fonte: (GOMES, 2019)



**Figura 5 – Planta do Colégio dos Jesuítas com indicações das áreas escavadas.**

Fonte: elaborado por Luís Symanski

A primeira etapa de escavações, em 2012, contemplou dois setores de deposição de refugo, um relacionado aos ocupantes do Solar, situado a 45 metros a Noroeste dessa edificação; e o outro 80 metros à Norte do Solar, referente à extremidade Noroeste de uma grande senzala em forma de U (Figura 6), situada de frente para o Solar, cujas extremidades ultrapassam a linha da parede frontal da sede da fazenda em, aproximadamente 10 m, formando uma praça de cerca de 160 x 230m (SYMANSKI, GOMES & SUGUIMATSU, 2015:100).

De acordo com os autores em questão, para um melhor entendimento da estratigrafia, do conteúdo, da distribuição espacial, da profundidade e integridade do sítio, foram abertas duas trincheiras paralelas, subdivididas em quadrículas de 1m<sup>2</sup>.

A trincheira NW 8.1, a primeira, tinha nove metros de comprimento, a segunda, NW 8.3, tinha onze metros de comprimento e estava a 14 metros a oeste da primeira.

Ambas foram escavadas, primeiramente, até os 10 cm de profundidade, entretanto, observou-se que o impacto do arado alcançava uma profundidade média de 25 cm (SYMANSKI, GOMES & SUGUIMATSU, 2015:100).



**Figura 6 – Vista aérea do Solar do Colégio com indicação das áreas escavadas no setor Noroeste da senzala**

Fonte: Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes (1980), adaptado por Symanski e Suguimatsu (2015: 47). O tracejado em vermelho indica a localização original do prédio da senzala (estrutura em forma de U).

Abaixo dos 25 cm, o registro apresentou-se mais íntegro, com fragmentos ósseos e cerâmicos de tamanhos grandes, em contraste com a alta fragmentação do material encontrado até os 25 cm de profundidade. Abaixo desse nível, a camada arqueológica foi rebaixada em níveis arbitrários de 5 cm, utilizando-se colheres de pedreiro (SYMANSKI, GOMES & SUGUIMATSU, 2015:100).

As áreas NW 8.1 e 8.3 apresentaram um intervalo de deposição entre 1790 e 1860. Para estabelecer tais datações, Symanski (2019) aplicou a Fórmula para a Datação Média de Louças, proposta por Stanley South (1977), e os princípios do *terminus post quem* (“a data depois da qual”, que considera a data inicial do artefato de produção mais antiga como a data mais recuada para o início da formação da

deposição arqueológica) e do *terminus ante quem* (“a data antes da qual”, que considera o fim da ocupação de um sítio pela ausência de artefatos típicos de uma época posterior àqueles encontrados), contudo, este último princípio deve ser usado com cautela, visto que muitos fatores podem ser utilizados para explicar a ausência de um determinado artefato no sítio (AZEVEDO, 2019).

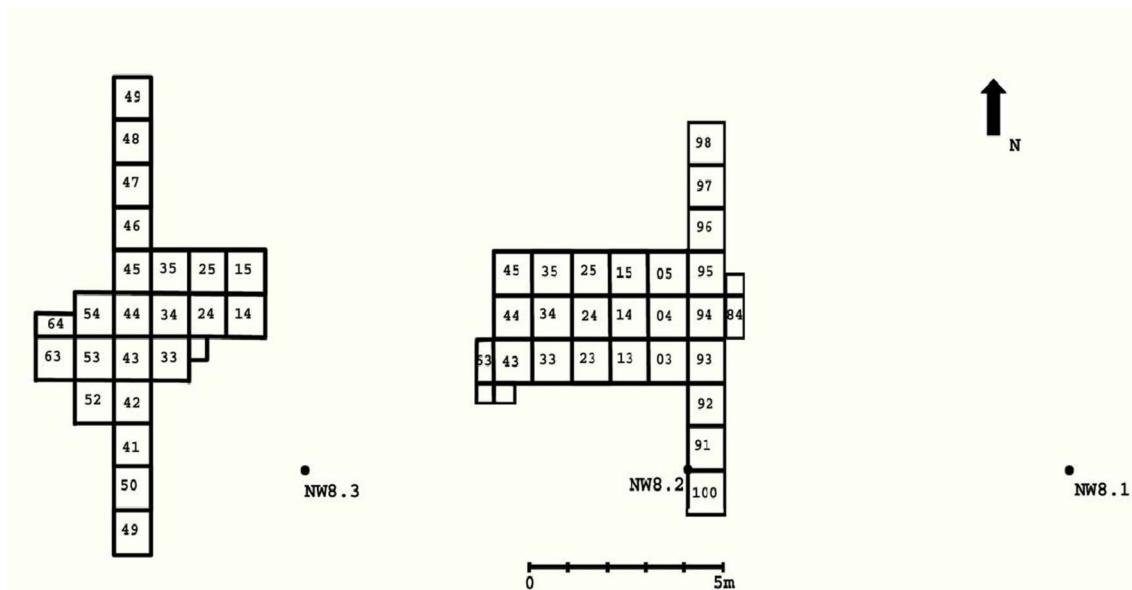
De acordo com Symanski, Gomes e Suguimatsu (2015:108) os padrões de descarte ou de deposição de refugo foram classificados conforme a terminologia proposta por Schiffer (1972) e South (1977). Schiffer (1972) considera três categorias de refugo: *primário*, quando o material descartado se encontra no local onde ele foi originalmente utilizado; *secundário*, quando o material descartado se encontra fora do local onde foi usado; e *de fato*, quando o material se encontra no contexto arqueológico sem que tenha havido a atividade de descarte. Há também mais duas categorias de descarte propostas por South (1977) para sítios históricos, o *periférico*, no qual o descarte ocorre afastado da habitação onde o refugo foi produzido; e o *adjacente*, que consiste no local de descarte em um espaço imediato à habitação.

A área NW 8.1/8.2 foi identificada como o local onde a população escravizada exercia suas atividades cotidianas, como o preparo e o consumo de alimentos, conforme indicado por uma estrutura de fogueira contornada por restos alimentares ósseos e fragmentos de louças cerâmicas. Este local encontrava-se adjacente à habitação e parece ter sido utilizado tanto para a alimentação quanto para o lazer, já que também foram identificadas três fichas de jogos (GOMES, 2019), nele ocorria a deposição de refugo primário.

As quadrículas da trincheira da quadra NW 8.3 apresentaram pouca quantidade de material no nível do arado (até 25 cm de profundidade) e imediatamente abaixo dele. A carência de material construtivo nesse local indicou que “esta área situava-se fora do espaço das edificações da senzala, tratando-se, assim, de um espaço adjacente à extremidade Noroeste da senzala em U” (SYMANSKI, GOMES & SUGUIMATSU, 2015:103), como mostrado na figura 4.

Na quadrícula 43 no nível 30-40cm verificou-se uma grande quantidade de telhas fragmentadas misturadas aos artefatos e ao material ósseo. Uma camada superior de fragmentos de telha encobria um nível rico em artefatos e ecofatos, demarcado, por seu turno, por outra camada de telhas que encobria um nível com grande quantidade de material cultural. A área de escavação foi ampliada para que a

camada de telhas fosse evidenciada em sua totalidade, já que observou-se que essa concentração penetrava nos perfis Leste e Oeste da quadrícula 43 (Figura 7), desta maneira, esta feição ocupou uma área de aproximadamente 15m<sup>2</sup>, que se estendeu da quadrícula 63 a 15 (SYMANSKI, GOMES & SUGUIMATSU, 2015).



**Figura 7 – Detalhe da área NW com as distribuições das quadrículas entre os setores 8.3 e 8.2.**

Fonte: elaborado por Paula Azevedo (2019)

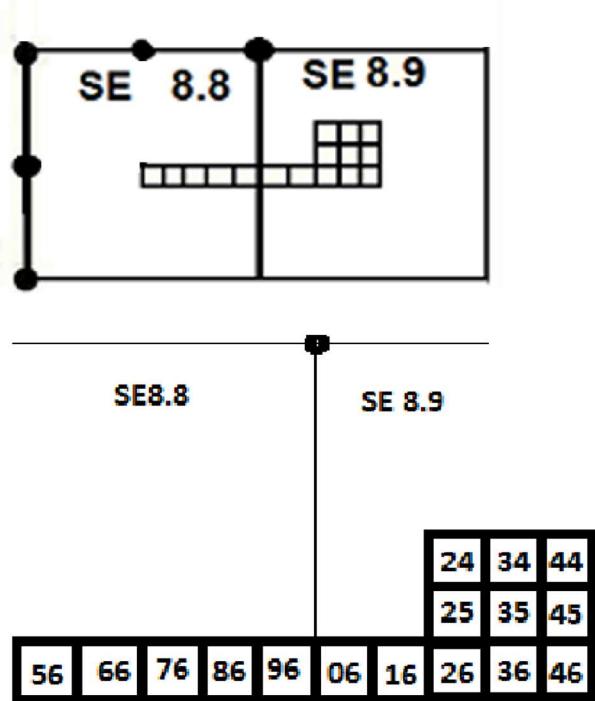
Observou-se nessa trincheira, que acima da camada inicial de refugo havia uma camada de fragmentos de telhas, em seguida outra camada de refugo, acima de outra camada de telhas e, por fim, no nível da superfície original, onde ocorreram os últimos episódios de deposição, o refugo entremeou-se com as telhas. Após isso o descarte tornou-se eventual (SYMANSKI, GOMES & SUGUIMATSU, 2015). Em vista disso, constatou-se que a área NW 8.3 foi utilizada pelo mesmo grupo da área NW 8.1/8.2, em razão de não ter havido diferenças significativas na análise da materialidade encontrada nessas áreas, no entanto, a área NW 8.3 foi utilizada para a deposição de refugo secundário (AZEVEDO, 2019).

As quadras NW 2.8 e NW 3.8 foram abertas com a profundidade média de 40cm, essas quadras compunham a área de deposição de refugo da sede da fazenda, nelas foram abertos 9m<sup>2</sup> de área escavada. Foi recuperada uma amostra referente ao período entre o final do século XVIII e o último quartel do século XIX, nela havia uma

grande quantidade de ossos de boi. Na área NW 2.8, a partir de 25cm de profundidade, evidenciou-se uma camada de telhas, que apresentou uma espessura média de 5cm. Assim como nas quadras NW 8.2 e NW 8.3, a camada de telhas da quadra NW 2.8 foi utilizada com o intuito de encobrir o refugo, que neste caso, foi diretamente depositado sobre a superfície (SYMANSKI, GOMES & SUGUIMATSU, 2015).

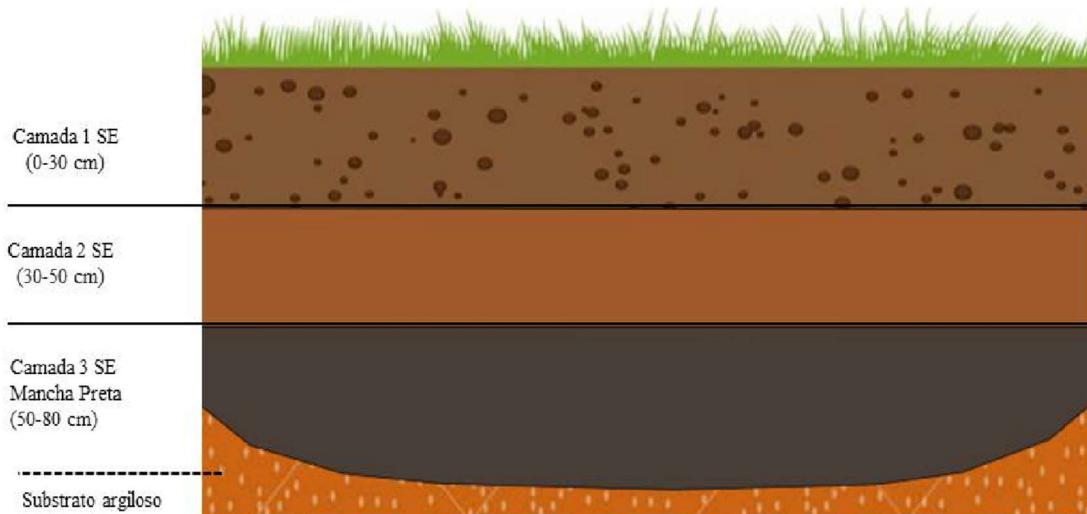
Em 2014, foi realizada a segunda etapa de escavações, na qual foi explorada a área SE (Figura 8). A área escavada estava imediatamente atrás do arruamento da senzala a Sudeste, a cerca de 100m do Solar (SE 8.8). Aos 50cm de profundidade evidenciou-se uma mancha preta, essa área foi ampliada na forma de uma quadra de 3 x 3m (setor SE 8.9) com o objetivo de visualizá-la melhor e rebaixá-la homogeneamente. Essa feição apresentou-se como “um buraco de lixo escavado no sedimento argiloso, o qual foi preenchido em meados do século XIX” (SYMANSKI, GOMES & SUGUIMATSU, 2015:105). Nesta área também foram constatados fragmentos de telhas que encobriam os demais refugos, contudo, de uma maneira menos estruturada do que aquela verificada na área NW 8.3. Até aproximadamente 30cm de profundidade, essa área apresentou um intenso revolvimento do solo em decorrência da utilização do arado e da intensidade da ocupação, que ocorreu até o ano em que a fazenda ainda comportava os descendentes de Joaquim Vicente dos Reis e das comunidades escravizadas, em 1980 (SYMANSKI, 2019). O intervalo de deposição dessa área foi de 1835 (mancha preta) a 1980 (níveis superiores relativos à ação do arado e à ocupação recente).

Para a quadra SE 8.8 e as quadrículas 06 e 16, não foi possível apresentar uma cronologia segura para os níveis superiores (de 0-30cm) onde a estratigrafia (Figura 9) se apresentou bastante difusa pela mistura do material devido a ação do arado e das ocupações recentes (AZEVEDO, 2019), porém os níveis entre 30 e 50cm não foram afetados, então foi possível atestar que o material encontrado abaixo dos 30cm de profundidade, era exclusivamente do século XIX.



**Figura 8 – Divisão de setores dentro da área SE.**

Fonte: Symanski e Gomes (2014)



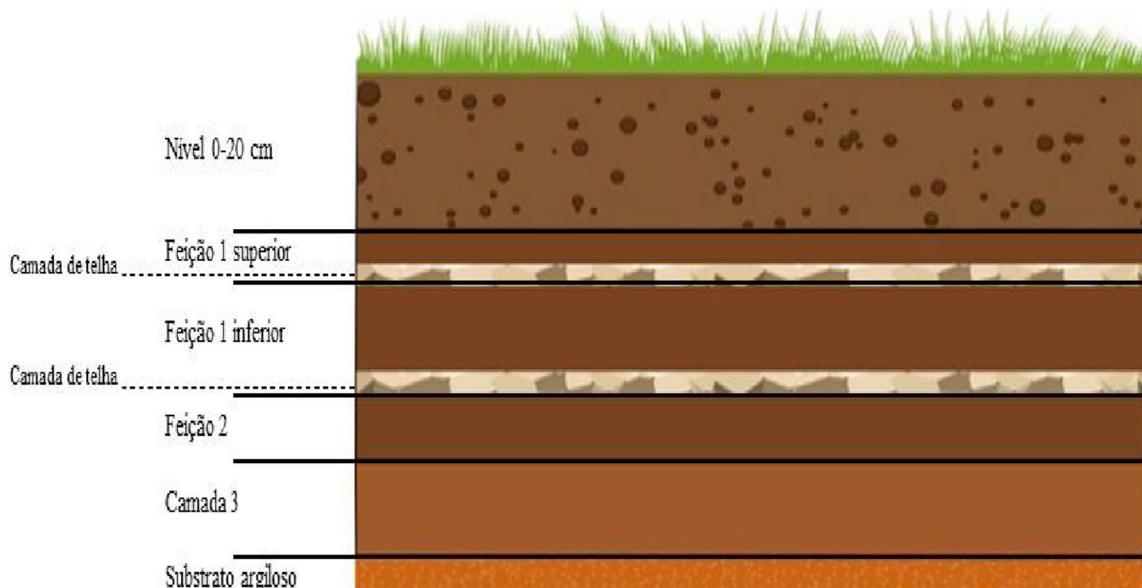
**Figura 9 – Estratigrafia da área SE 8.9.**

Fonte: Azevedo (2019).

A terceira etapa de escavação (2016) compreendeu o setor NE do sítio. Nele foi aberta, a cerca de 150m a Nordeste do Solar, uma área de 31m. A escavação, inicialmente, foi direcionada por níveis artificiais, mas aos 20cm de profundidade, uma

feição de fragmentos de telhas semelhante ao padrão apresentado na área NW 8.3, começou a se sobressair, assinalando a presença de outra área de deposição de refugo (Feição 1). À maneira da área NW 8.3, essa feição apresentava logo abaixo da camada de telhas ou misturado a ela, uma considerável quantidade de material arqueológico (SYMANSKI, 2019).

Abaixo da Feição 1 foi exibida uma fina camada de sedimentos e, como já mencionado, ela apresentou uma expressiva quantidade de material arqueológico. Esta camada é referente ao século XVIII. Abaixo dela encontrou-se outra feição de telhas fragmentadas, chamada de Feição 2. Esta feição possui material com datação para meados do século XVIII. Finalmente, abaixo da Feição 2, a uma profundidade média de 40cm, encontrou-se o último nível de ocupação, denominado Camada III, que se aprofundou até aproximadamente 50cm. Esse nível refere-se ao final do século XVII e início do XVIII, o que denota que somente o setor NE obteve datação para o período jesuítico. Essa área, até o início do século XIX, parece ter sido continuamente utilizada para a deposição de material, quando foi encoberta pela segunda camada de telhas, a qual vedou o depósito de materiais. A partir disso, ela foi usada para descartes esporádicos até meados do século XX (SYMANSKI, 2019). A estratigrafia da área NE está representada a seguir na Figura 10.



**Figura 10 – Representação da estratigrafia da área NE.**

Fonte: (AZEVEDO, 2019)

As Tabelas 1, 2 e 3 e a Figura 11, representadas a seguir, mostram sucintamente as datações relativas às três áreas escavadas na senzala do Colégio dos Jesuítas.

**Tabela 1 – Intervalo de deposição da área Noroeste.**

	Área NW 8.1	Área NW 8.3
Nível 1 (0-20cm)		1850-1860
Níveis 1 e 2 (0-30cm)	1835-1850	
Níveis 3 e 4 (30-50cm)	1820-1835	1790-1820

Fonte: elaborado por Luís Symanski.

**Tabela 2 – Intervalo de deposição da área Sudeste.**

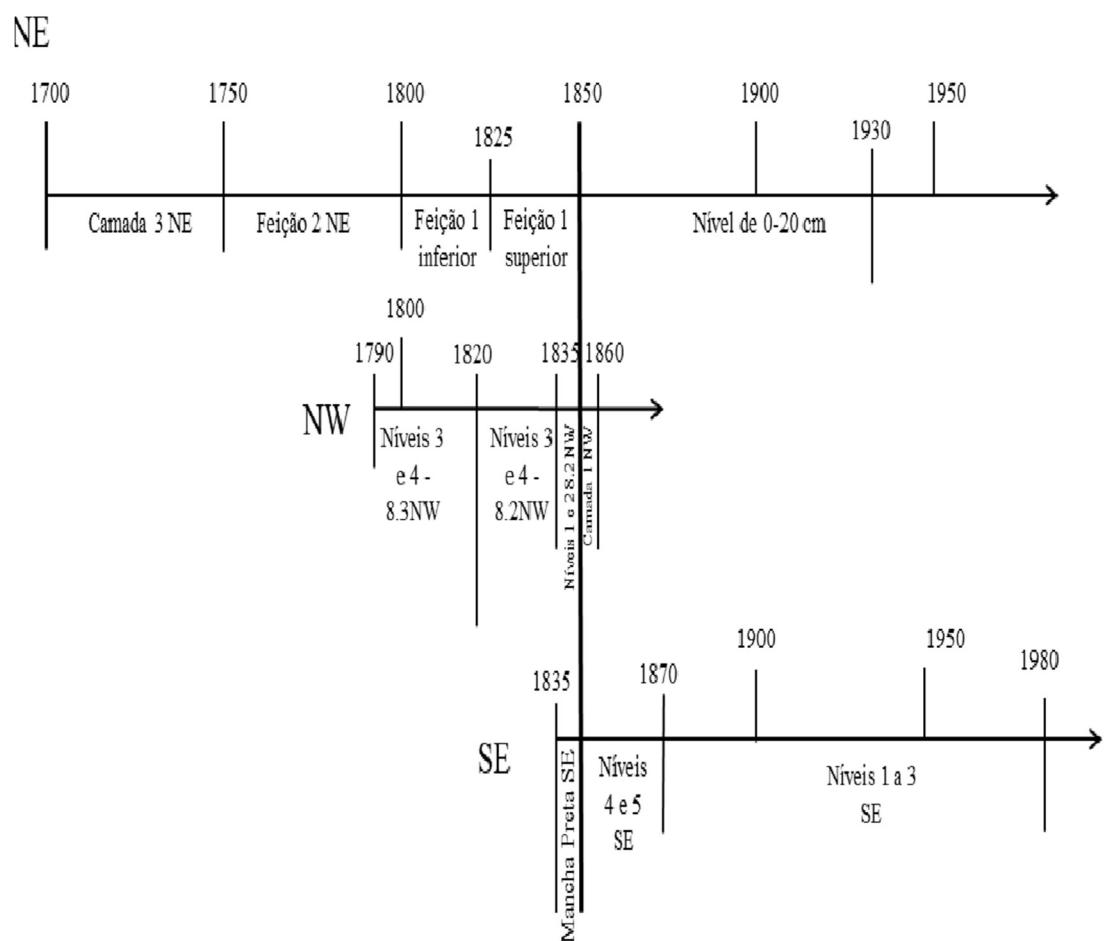
	Área SE 8.8	Área SE 8.9
Níveis 2 a 4 (30-50cm)	Século XIX	
Níveis 4 e 5 (40-60cm)		1850-1870
Mancha preta		1835-1850

Fonte: autoria própria.

**Tabela 3 – Intervalo de deposição área Nordeste.**

	Área NE 5.13
0-20cm	Segunda metade do séc. XIX a 1930
Feição 1 superior	1825 a 1850
Feição 1 inferior	1800 a 1825
Feição 2	1750 a 1800
Camada 3	Final do século XVII e início do XVIII

Fonte: autoria própria.



**Figura 11 – Intervalo de deposição das áreas NW, SE e NE.**

Fonte: Azevedo (2019).

### 3. O JOGO NO COLÉGIO DOS JESUÍTAS

Neste capítulo serão apresentados os resultados da análise das fichas de jogos do Colégio. Para tanto será feita uma breve retomada às interpretações apresentadas pela bibliografia consultada nos diferentes contextos nos quais as fichas têm aparecido. Também serão discutidas as implicações no sistema escravista da manifestação lúdica entre os escravizados.

#### 3.1. A escravidão e as práticas lúdicas

Jacob Gorender (1985), assim como outros autores (por exemplo HALL, 2017; GUIMARÃES, MORAIS & LADEIA, 2013), salienta que a característica essencial em ser escravo é ser propriedade, o que o sujeitaria a ser transformado em mercadoria e portanto, em coisa. Tais características associadas à perpetuidade e à hereditariedade (GORENDER, 1985:49) só poderiam ser garantidas através de um sistema coercitivo, proposto de formas variáveis, que utilizava diversos dispositivos de manutenção, dentre eles o direito privado dado ao senhor de castigar seus escravos fisicamente (GORENDER, 1985:57).

O controle exercido pelo sistema escravista através da reificação do escravo pressupunha que ele fosse dócil, submisso e útil (FOULCAULT, 2014:135), condicionado as vontades de seu senhor. Contudo, a humanidade do escravo nunca foi eficientemente negada (GUIMARÃES, MORAIS & LADEIA, 2013), pois ele possuía “aptidões intelectuais e subjetividade” (GORENDER, 1985:49) comprovadas por pesquisas como a de Guimarães (1996), Gerbara (1986), Karash (2000), dentre muitos outros pesquisadores que lidam com a questão das fugas e dos aquilombamentos, bem como por pesquisas que se ocuparam com as manifestações mágico-religiosas e de criatividade de um modo geral (WILKIE, 1995; AGOSTINI, 2013; SOUZA, 2013; FENNEL, 2013). Nesse sentido, Souza aponta que

O emprego criativo de práticas culturais específicas pelos escravos e antagônicas aos proprietários tem sido entendido, na arqueologia, como expressões simbólicas da relação dominante-dominado. (...) o uso criativo dos recursos pelo escravo não se constituiu apenas em uma resposta, apresentando-se, na verdade, como um traço intrínseco do acervo de conhecimento e práticas desses indivíduos e que podem

ter sido utilizados, entre outros fins, como uma ferramenta para expressar diferenças e reagir contra o sistema que lhes era imposto. (SOUZA, 2013:31)

As práticas lúdicas em contextos de escravidão, corroboram aos apontamentos de Souza (2013), elas podem ter configurado uma forma de resistir a um sistema perverso que preconizava a total sujeição do outro (GORENDER, 1985), despersonalizando-o (MEILLASSOUX, 1995:84). Estudá-las, portanto, ajuda a compreender a dinâmica social na qual essas comunidades estavam imersas e a forma como se configuravam sua capacidade de agência e suas expressões de autonomia que permitiam a elas a reformulação de sua identidade na diáspora.

Para enriquecer o arcabouço teórico sobre a diáspora africana e dialogar com as pesquisas da área que se ocupam em evidenciar os sujeitos envolvidos no processo afro-diaspórico, aqueles que por muito tempo foram invisibilizados (os escravizados), no item a seguir serão apresentados os resultados da análise das fichas do Colégio, destacando os jogos que os escravos poderiam jogar com essas fichas, mas também levando em conta outros prováveis usos para elas, sem perder de vista o processo de crioulização pelo qual essas populações passaram.

### 3.2. As fichas do Colégio

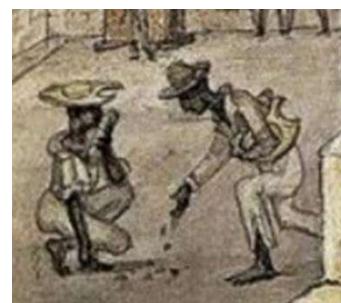
No total das três etapas de escavação realizadas no Colégio dos Jesuítas, foram exumadas 179 peças modificadas (excetuando as encontradas em contexto de fogueira) classificadas como fichas de jogos. Como reportado previamente, essas peças foram assim classificadas pela semelhança entre elas e aquelas encontradas em diferentes contextos do mundo Atlântico, principalmente no Caribe e nos Estados Unidos; pela evidência de jogos praticados na África que utilizam fichas, as quais podem ser facilmente confeccionadas a partir de elementos dispostos na natureza, como pedras e madeira, bem como outros elementos disponíveis, no caso do Colégio e dos outros sítios mencionados, a cerâmica; e também pela iconografia que apresenta os africanos escravizados jogando tanto em contextos urbanos (Figuras 12 e 14) como em contextos rurais (Figura 1) que é o caso do Colégio; e também populações do continente africano (Figura 15), jogando, fortalecendo a hipótese de

que os escravos mantiveram nas Américas elementos da cultura africana, tanto nos contextos urbanos quanto nos rurais.



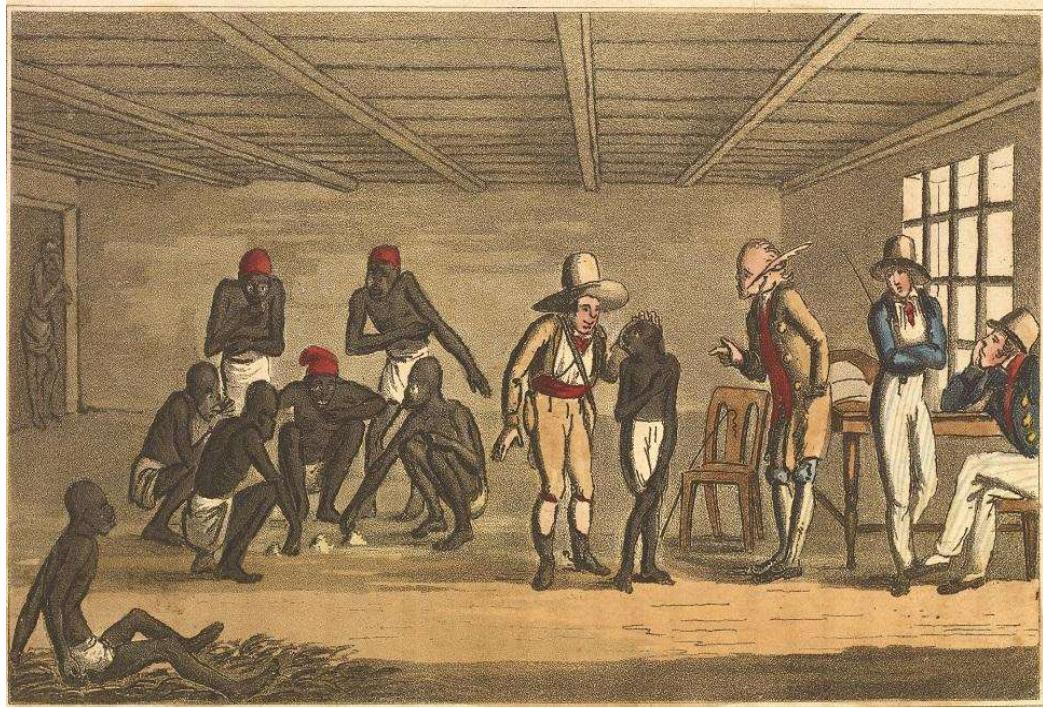
**Figura 12 – “Barbeiros ambulantes”, de Jean Baptist Debret.**

Fonte: Disponível em: <<https://comunidade.mus.br/debret-leitura-de-imagem/>>. Acesso em 10 jul. 2019.



**Figura 13 – Detalhe da imagem “Barbeiros ambulantes” de J. B. Debret.**

Fonte: Disponível em: <<https://comunidade.mus.br/debret-leitura-de-imagem/>>. Acesso em 10 jul. 2019. Dois homens jogando no chão o que parecem ser pecinhas triangulares.



**Figura 14 – “Mercado de escravos no Rio de Janeiro”, de Geo B. Whittaker, 1826.**

Fonte: Disponível em: <<https://ensinarhistoriajoelza.com.br/as-pressoess-britanicas-pelo-fim-do-trafico-de-escravos>>. Acesso em: 10 jul. 2019. Escravos jogando algum jogo que utiliza buracos no chão.



**Figura 15 – “Jogadores de Bambala do Sul” de Emil Torday, 1909.** Comunidade do Congo jogando algo que utiliza um recipiente e pequenas fichas arredondadas (no chão próximo a mulher abaixada à esquerda da fotografia).

Fonte: (MACK, 2008:66).

Panich e seus colaboradores (2017), como relatado no primeiro capítulo (item 1.2), apresentaram 130 peças modificadas, todas em formato discoidal (ou arredondado) retiradas de três sítios da Califórnia (duas missões e um rancho), cuja população responsável pelo trabalho era nativa americana. Nesse ínterim, os autores fizeram uma pesquisa aprofundada para discutirem as possíveis aplicações do material por eles encontrado e chegaram à conclusão de que as fichas não perfuradas eram, supostamente utilizadas pelos nativos, principalmente em jogos de azar, como cara ou coroa, já os discos cerâmicos perfurados, possivelmente foram utilizados como dados ou fusos de tear.

Singleton (2015) recuperou de uma plantação de café cubana 11 discos de cerâmica modificados de tamanho pequeno, semelhantes a outros encontrados na mesma ilha. A autora os interpreta como peças, provavelmente usadas em jogos como gamão, damas e *chiney money*, já que estes jogos foram documentados entre os descendentes de populações escravizadas em outras partes do Caribe. A exemplo de Singleton, Striebel MacLean, classifica os objetos arredondados, confeccionados a partir de louça esmaltada, encontrados por ela em Montserrat, como possíveis fichas de jogos. Symanski e Osório (1996), no Brasil, também classificam as peças por eles encontradas como fichas de jogos, presumivelmente empregadas em jogo de gamão. Sousa (2011), em Portugal, classifica os objetos modificados, por ele pesquisados como fichas de jogos de gamão, damas e jogo do galo, o autor revela que essas fichas foram largamente utilizadas desde a época romana e tiveram forte permanência ao longo do tempo.

Não obstante, outras interpretações para o material modificado retirado de sítios arqueológicos em contextos de escravidão, também aparecem, caso de Wilkie (1995) e Goode (2009), pesquisadores de sítios estadunidenses que apresentam hipóteses de utilização para essas peças em práticas religiosas.

No Colégio, das 179 fichas, 104 (58%) foram exumadas da área NE, 38 (21%) da área NW e 37 (21%) na área SE, como mostra o gráfico a seguir:

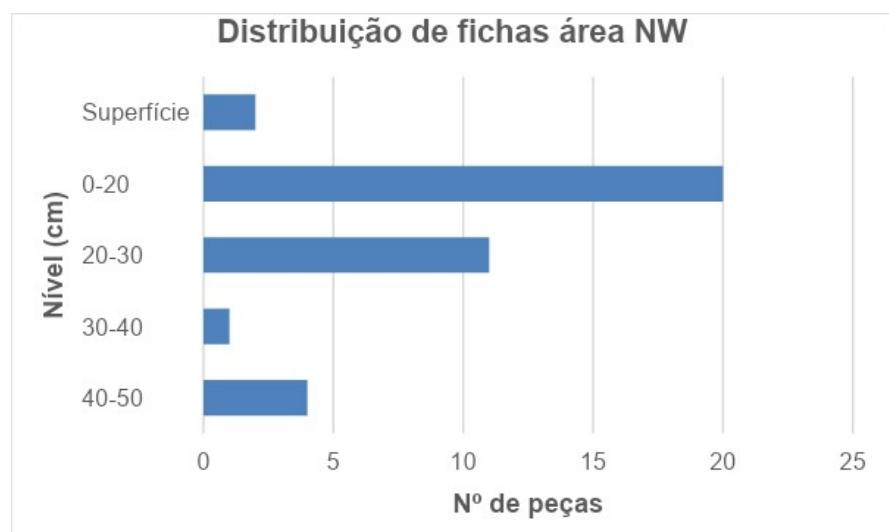
Gráfico 1 – Distribuição das fichas do Colégio.



Fonte: autoria própria.

A área NE concentrou a maior quantidade de fichas, apresentando mais fragmentos que as outras duas áreas juntas, um dos motivos para esse quadro pode ser pela ampla cronologia da área que é de mais de 300 anos de ocupação. Os Gráficos 2 (e a figura 16), 3 e 4 mostram respectivamente, a distribuição por nível estratigráfico, a morfologia e a composição material das fichas da área NW.

Gráfico 2 – Distribuição de fichas por nível na área NW.



Fonte: autoria própria.



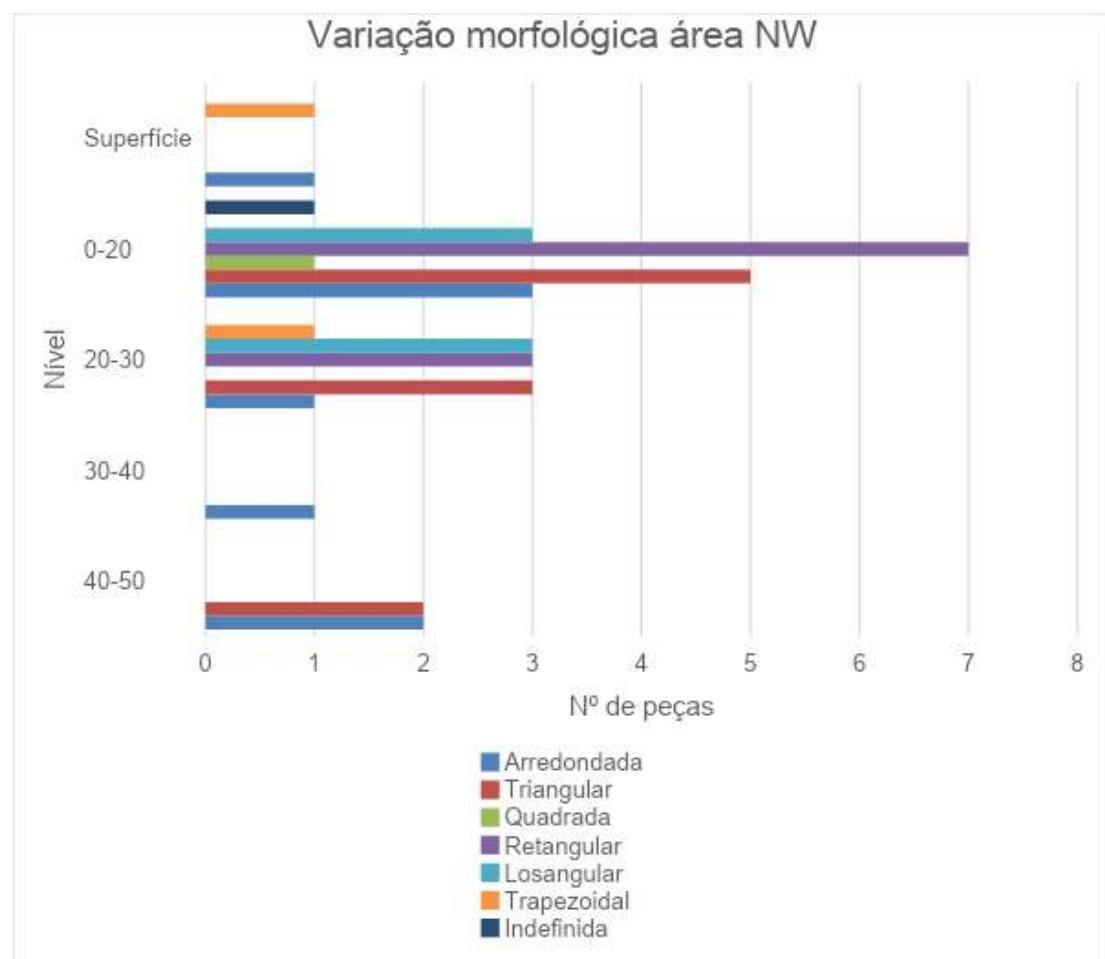
**Figura 16 – Distribuição das fichas na área NW. Níveis da esquerda para a direita, 1<sup>a</sup> fileira: superfície; 2<sup>a</sup> fileira: 0-20cm; 3<sup>a</sup> fileira: 20-30cm; 4<sup>a</sup> fileira: 30-40cm; 5<sup>a</sup> fileira: 40-60cm.**

Fonte: autoria própria.

O gráfico 2 e a figura 16 demonstram uma concentração das fichas nos primeiros níveis estratigráficos (1 e 2), sendo que das 38, 31 se concentram entre 0 e 30cm de profundidade. O intervalo de ocupação correspondente a esse nível é de 1835 a 1860, período que abrange o fim da administração de Sebastião Gomes Barroso e parte da de Francisco de Paula Gomes Barroso. Como descrito no capítulo 2, a área NW foi identificada como o espaço de uso cotidiano, onde o alimento era preparado e consumido, mas também parece ter sido local de relaxamento e lazer, teoria reforçada pela presença das fichas aqui descritas e também daquelas mencionadas no contexto da fogueira, no qual o fogo caracterizava um local de agrupamento, consumo de alimentos e socialização (GOMES, 2019:95 e 96). A alta

incidência de fichas no período no qual Francisco de Paula Gomes Barroso gerenciava a fazenda, pode ter relação com o tratamento tido como generoso e amigável dispensado por ele aos escravos (MARCH, 1988:75). No Gráfico 3 serão apresentados os tipos morfológicos das fichas da área NW.

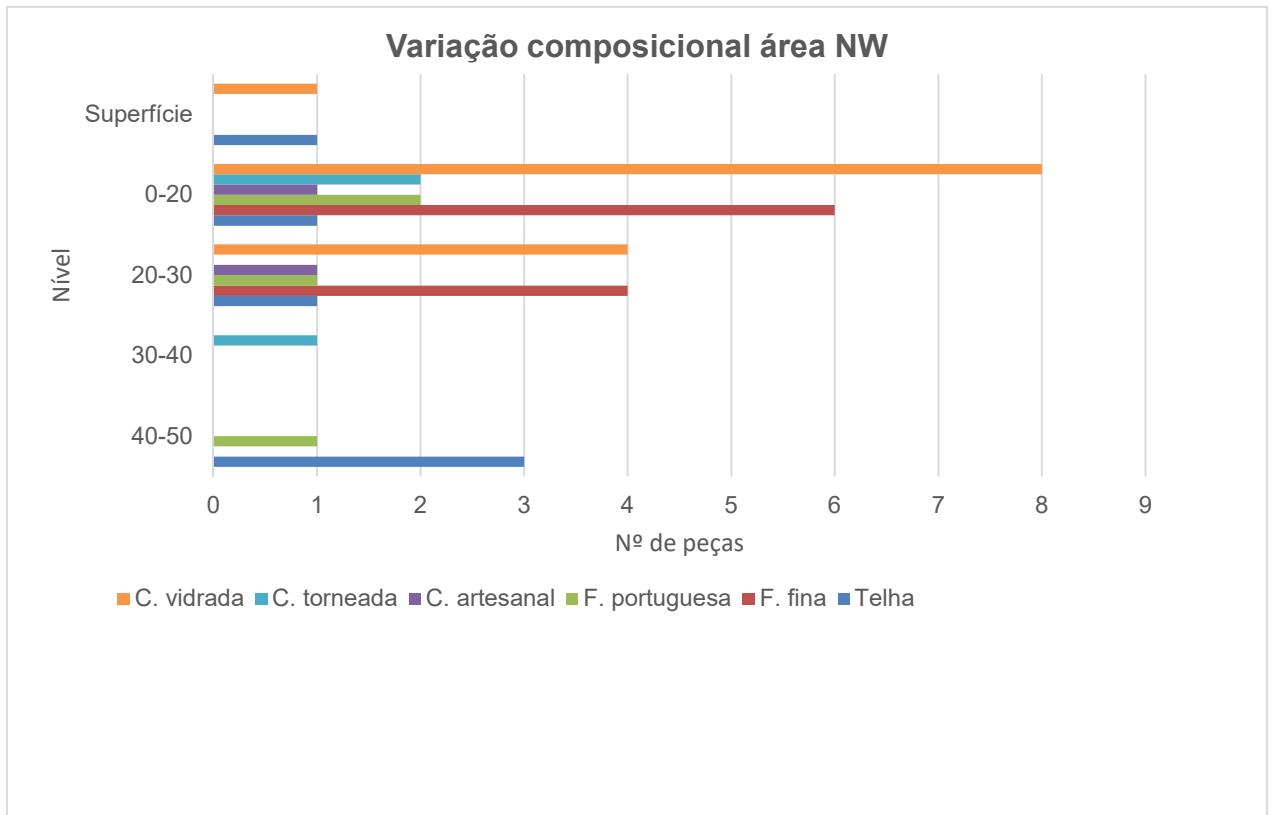
**Gráfico 3 – Variação morfológica das fichas da área NW por nível estratigráfico.**



Fonte: autoria própria.

Através do gráfico 3, é possível perceber que as morfologias predominantes são a retangular e a triangular, com 10 exemplares cada uma, ambas aparecendo de forma mais significativa entre 1835 e 1860. Nos níveis que correspondem ao período mais antigo (1790-1820), as formas arredondada e triangular aparecem respectivamente, com 3 e 2 exemplares. A morfologia das três áreas será discutida mais à frente neste capítulo.

**Gráfico 4 – Variação composicional por nível estratigráfico da área NW.**



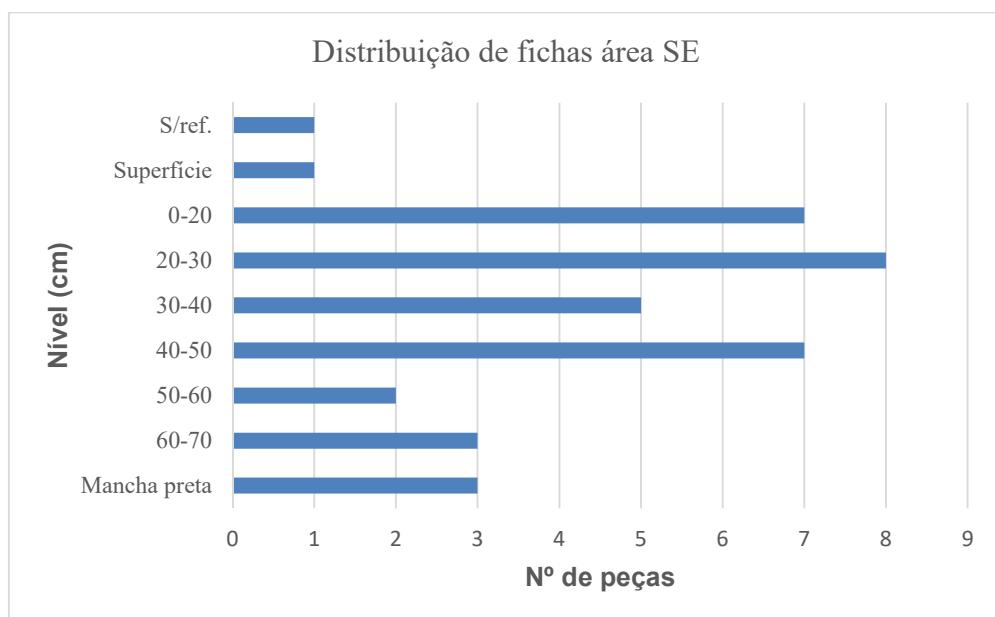
Fonte: autoria própria.

O gráfico 4 mostra que para as datas entre 1835 e 1860 (nível entre 0 e 30cm) a cerâmica vidrada foi a composição material mais utilizada para a produção das fichas (12) seguida da faiança fina (10), ao mesmo tempo em que o uso das telhas diminui. A maioria das fichas feitas de cerâmica vidrada pode ser explicada pela presença da olaria na fazenda. As populações escravizadas provavelmente estavam produzindo essa cerâmica e portanto, peças feitas desse material seriam frequentes em seu cotidiano. A faiança fina pode ter advindo diretamente de mercados, o que demonstraria uma certa autonomia econômica por parte dos escravizados (SOUZA, 2013). Essa autonomia pode ter sido herdada desde a época de Joaquim Vicente dos Reis, quando os cativos podiam cultivar suas próprias roças uma vez por semana (GUGLIELMO, 2011) e assim se sustentarem e adquirirem renda com a venda de excedentes. Para os níveis de datação mais antiga (1790-1835) as telhas foram o suporte material preferido, isso deve ter ocorrido pelo mesmo motivo que fez a cerâmica vidrada ser mais expressiva nos níveis superiores, a existência da olaria. Como revelado no capítulo 2, muitos fragmentos de telha foram encontrados durante

todas as etapas da escavação, dado atribuído a presença da olaria no sítio. A ausência de fichas feitas a partir de faiança fina para esse período, se deve ao fato de que a fabricação da mesma só se iniciou após meados do século XVIII. A discussão sobre a escolha composicional para a produção das fichas, assim como a morfológica, também será discutida em mais detalhes posteriormente, quando os resultados das áreas SE e NE já tiverem sido expostos.

O gráfico 5 e a figura 17 apresentam a distribuição das fichas na área SE.

**Gráfico 5 – Distribuição de fichas por nível na área SE.**



Fonte: autoria própria.



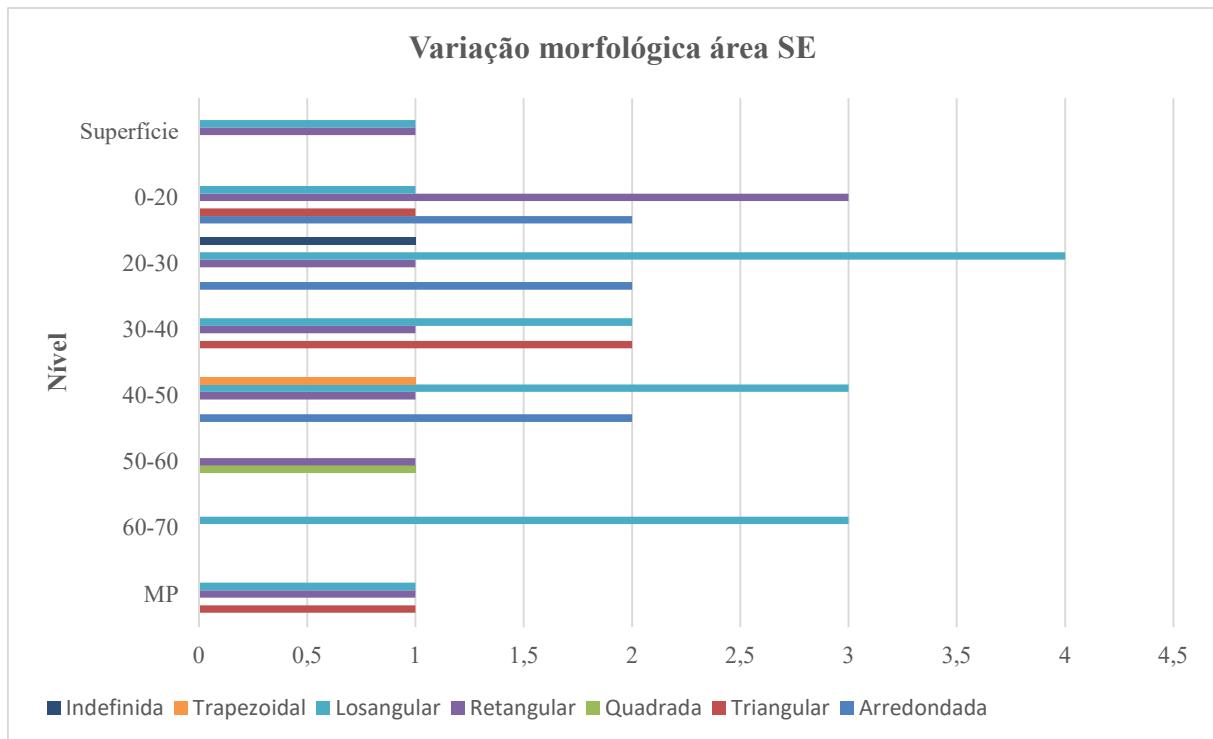
**Figura 17 – Distribuição das fichas na área SE. Níveis das fileiras da esquerda para a direita: 1<sup>a</sup>: superfície; 2<sup>a</sup>: 0-20cm; 3<sup>a</sup>: 20-30cm; 4<sup>a</sup>: 30-40cm; 5<sup>a</sup>: 40-50cm; 6<sup>a</sup>: 50-60cm; 7<sup>a</sup>: 60-70cm; 8<sup>a</sup>: mancha preta.**

Fonte: autoria própria.

No capítulo 2 (item 2.2) foi relatado que os primeiros níveis da área SE sofreram intenso revolvimento do solo pelo arado, nesse caso, não foi possível datá-los seguramente. Portanto, para a análise das fichas dessa área serão consideradas somente aquelas encontradas abaixo dos 30cm de profundidade. Assim, analisando o gráfico 5 e a figura 17, percebe-se que no nível que varia entre 30 e 50cm de profundidade, cuja data se situa exclusivamente no século XIX, se concentra a maioria das fichas (12), seguida pelo nível entre 40 e 60cm de profundidade, que por sua vez data entre 1850 e 1870.

Os gráficos 6 e 7, são correspondentes, respectivamente, a morfologia e a composição material da área SE, as discussões sobre os resultados acontecerão após a apresentação dos gráficos da área NE, para que assim possam ser abordadas as variações temporais e espaciais abrangendo as três etapas de escavação. Desta maneira, até lá só serão destacados aspectos pontuais de cada gráfico.

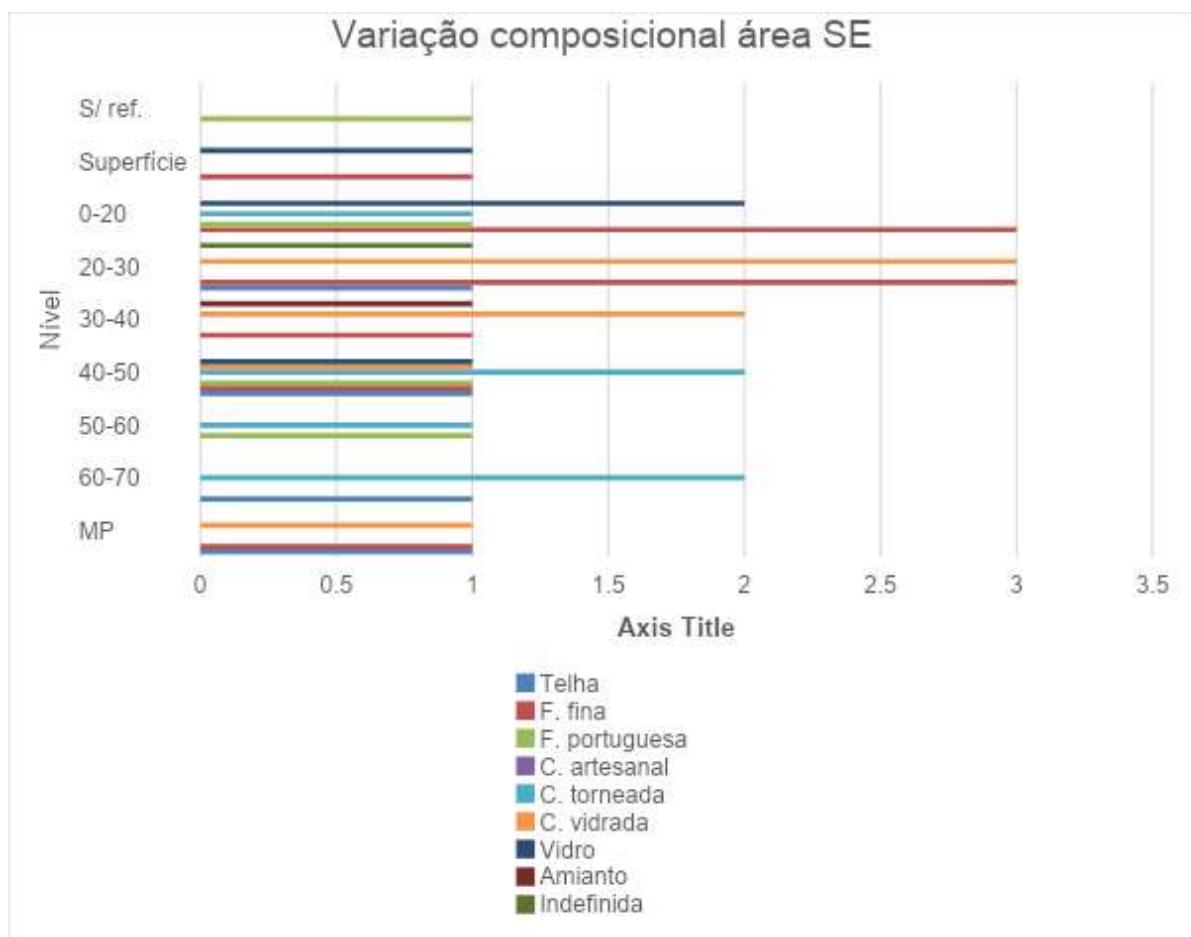
**Gráfico 6 – Variação morfológica da área SE por nível estratigráfico.**



Fonte: autoria própria

O gráfico 6 demonstra que a forma losangular foi a predominante tanto nos níveis entre 30 e 50cm (5 fichas), quanto no nível de 60 a 70cm (3 fichas). No nível da mancha preta só apareceram 3 exemplares, 1 triangular, 1 retangular e 1 losangular. A amostra da área SE tem um total de 37 fichas, pelo gráfico é possível ver que, embora a losangular predomine, as diferentes morfologias ficaram bem distribuídas entre as fichas.

Gráfico 7 – Variação composicional da área SE por nível estratigráfico.

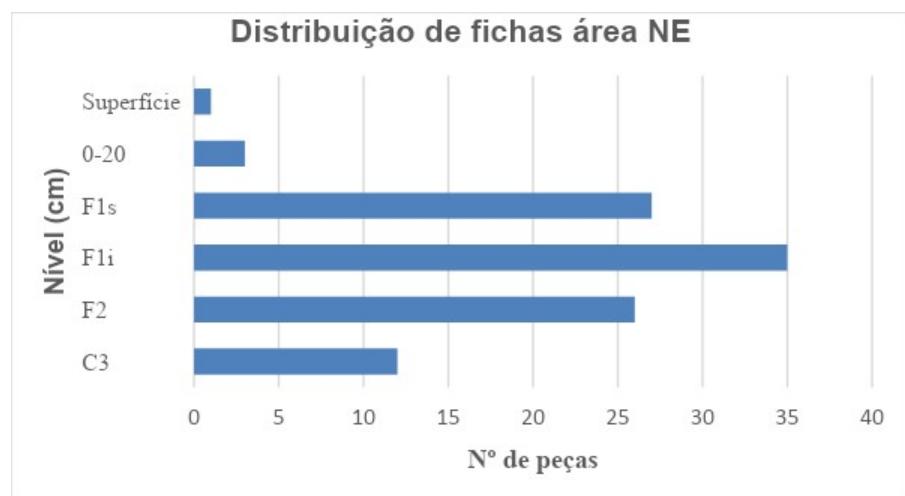


Fonte: autoria própria.

Quanto à composição material das fichas na área SE, nota-se, assim como para a morfologia, a amostra bem distribuída, com poucos exemplares para cada suporte material. A faiança portuguesa aparece nos níveis entre 40 e 60cm de profundidade, mas nos níveis superiores, mesmo aqueles nos quais o solo foi intensamente revolvido, ela não aparece, no entanto, nesses níveis as fichas de cerâmica vidrada ganham expressividade, juntamente com a faiança fina. A cerâmica artesanal não teve nenhum exemplar nessa área, o que talvez possa ser explicado pelo tipo de uso das fichas. Alguns jogos exigem que as faces das peças sejam diferenciáveis e essa característica não pode ser facilmente distinguível nas cerâmicas artesanais, como ocorre, por exemplo, com a cerâmica vidrada, em que um lado é colorido e vibrante e o outro não (pelo menos nas cerâmicas vidradas usadas para fazer as fichas).

O gráfico 8 e a figura 18 mostram a distribuição das fichas da área NE.

Gráfico 8 – Quantidade de fichas por nível na área NE.



Fonte: autoria própria.



Figura 18 – Distribuição das fichas da área NE. Níveis das fileiras da esquerda para a direita:

1<sup>a</sup>: superfície; 2<sup>a</sup>: 0-20cm; 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup>: F1s; 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup>: F1i; 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup>: F2; 9<sup>a</sup>: C3.

Fonte: autoria própria.

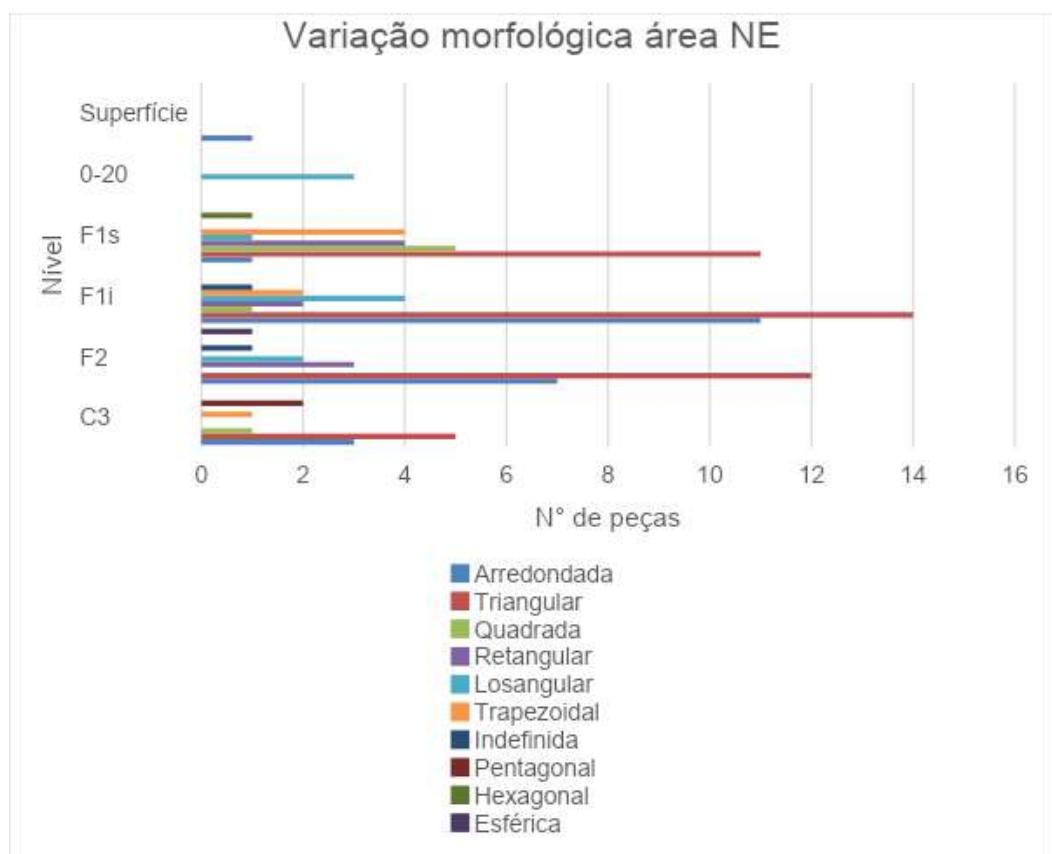
Dentre as três áreas, a NE foi a que apresentou a maior quantidade de fichas (104), além de ter a maior amplitude cronológica, fatos que podem estar diretamente ligados. O gráfico 8 e a figura 18 mostram que a feição 1 (superior e inferior) foi o nível que concentrou a maioria das fichas, 62 no total. A datação para esse nível condiz com o final do século XVIII até meados do XIX, para esse período a área NW apresentou 31 exemplares de um total de 38 e a área SE apresentou 20 fichas, do total de 37.

Para estabelecer uma análise sincrônica, serão consideradas as fichas dos níveis 1 e 2 da área NW, que datam entre 1835 e 1860; os níveis 3, 4, 5, 6 e a mancha preta da área SE, que datam entre 1835 e 1870; e o nível da feição 1 (superior e inferior) da área NE, o qual já teve a datação mencionada anteriormente.

A área NW apesar de ser o local onde foi encontrada a fogueira, em comparação com a área NE, não possui muitos exemplares de fichas, a maior concentração está nos níveis entre 0 e 30cm (níveis 1 e 2) de profundidade, com uma amostra de quase 82% do total. Não por acaso a fogueira foi encontrada nesses níveis, o que sugere que nessa área as populações escravizadas preferiam jogar ao redor da fogueira, onde o sentido comunal se fazia mais forte. A área SE para o mesmo período de abrangência apresentou uma amostra de 54% do total da área (37). Já na área NE a amostra para o período corresponde a 60% do total da área (104). Pela quantidade de fichas presentes na área NE para o referido período (de 1825 a 1850) que somam 62, observa-se, em detrimento da quantidade de fichas nas outras duas áreas, que parecia haver uma preferência entre essas populações de jogar nessa área, ou mesmo que nessa área havia maior densidade de ocupação.

A partir da análise dos gráficos 9 e 10, referentes a morfologia e a composição material das fichas, nessa ordem, a interpretação poderá ser enriquecida, inclusive com a demonstração dos possíveis jogos praticados na senzala do Colégio.

Gráfico 9 – Variação morfológica da área NE por nível estratigráfico.



Fonte: autoria própria.

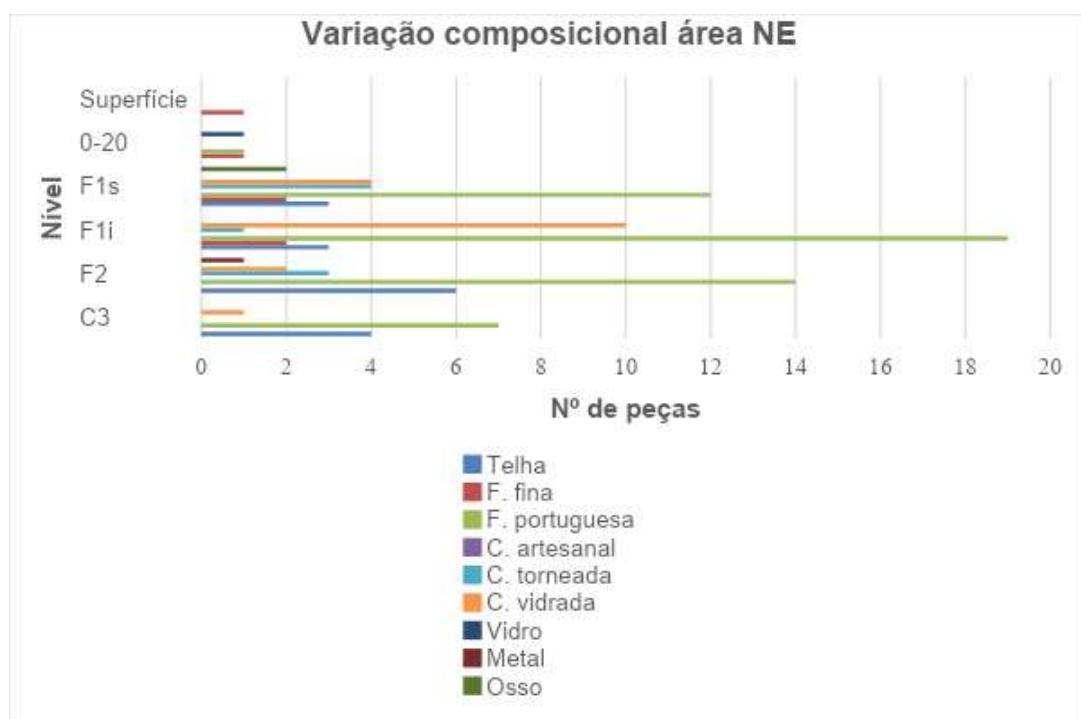
O gráfico 9 mostra o aumento substancial do uso de fichas nos formatos triangular e arredondado. Essas formas aparecem no período inicial e aumentam a incidência do fim do século XVII para meados do XIX e à medida que caminha para o fim desse século elas declinam e desaparecem.

Quanto a composição material das fichas, o gráfico 10 mostra que no fim do século XVII as fichas eram preferencialmente feitas a partir de fragmentos de faiança portuguesa, aparecendo também algumas feitas por telha e, menos comuns, eram aquelas feitas por cerâmica vidrada, adentrando em meados do século XVIII a incidência de fichas de faiança portuguesa duplica e as de telha aumentam em 50%, no entanto, aparecem algumas produzidas a partir de cerâmica torneada e uma pequena esfera metálica que cabe perfeitamente no sulco de uma das fichas de telha (Figura 19), o que sugere que algum jogo de encaixe da esfera em buracos ou sulcos, como o da telha, estavam ocorrendo.

No fim do século XVIII até meados do XIX as fichas de faiança portuguesa continuam aumentando a incidência, elas passam de 14 para 31, enquanto as fichas

feitas a partir das telhas se mantém. As fichas de cerâmica vidrada aumentam, mas com o passar do tempo voltam a declinar. As fichas de faiança fina aparecem muito timidamente e assim, se mantém, enquanto as fichas de cerâmica torneada declinam e desaparecem, passando de 3 em meados do século XVIII para 1 em meados do XIX.

**Gráfico 10 - Variação composicional por nível da área NE.**





**Figura 19 – Ficha feita de fragmento de telha com sulco arredondado onde se encaixa a esfera metálica (a direita).**

Fonte: autoria própria.

	Área		
	NW	SE	NE
Forma			
Arredondada	4	2	12
Triangular	8	3	25
Quadrada	1	1	6
Retangular	10	4	6
Losangular	6	9	6
Trapezoidal	1	1	1

**Tabela 4 - Variação morfológica das fichas das áreas NW, SE e NE.**

Fonte: autoria própria.

Composição	Área		
	NW	SE	NE
Telha	2	3	6
Faiança fina	10	3	4
Faiança portuguesa	3	2	31
Cerâmica artesanal	2	0	0
Cerâmica torneada	2	5	5
Cerâmica vidrada	12	4	14
Vidro	0	1	0
Amianto	0	1	0
Osso	0	0	2

**Tabela 5 - Variação composicional das áreas NW, SE e NE.**

Fonte: autoria própria.

Expostos os dados da área NE, as implicações desses padrões serão discutidas após a análise das tabelas 4 e 5, que evidenciam as variações morfológicas e compostionais nas três áreas escavadas no período temporal compreendido entre 1835 e 1860.

Na área NW, a preferência morfológica foi a retangular e a cerâmica vidrada (12) foi o suporte mais utilizado para a produção das fichas, seguido pela faiança fina (10). Dentre as fichas de faiança fina, 5 tem decoração de um lado e do outro não, as outras 5 são brancas. Das retangulares, 5 são de cerâmica vidrada. Esse padrão apresentado pelas fichas da área NW, concorda com aqueles apresentados por autores como Panich et al. (2017) e MacLean (2015) que noticiam a presença de fichas lisas e decoradas nos sítios por eles pesquisados, na Califórnia e no Caribe, respectivamente. Segundo esses autores esse padrão pode ter ocorrido para que as fichas fossem utilizadas em jogos como as damas, cara-ou-coroa e o gamão, onde as faces precisam ser diferenciadas. A utilização da faiança fina como suporte para a confecção das fichas pode estar ligada a mudança no padrão de aquisição e utilização de bens na senzala, embora a cerâmica vidrada ainda esteja muito presente, já que poderia ser produzida pelos próprios escravos na olaria, a louça fina poderia ser adquirida através dos senhores quando para a casa grande já não tivessem serventia

ou poderiam ter sido adquiridas em mercados pelos próprios escravos (SYMANSKI, 2019, SOUZA, 2013, GUGLIELMO, 2011), já que aparentemente, eles podiam usufruir de parte do que plantavam, podendo assim, obter algum ganho econômico com a venda de excedentes, como uma espécie de brecha camponesa (para detalhes ver GUIMARÃES, 1989).

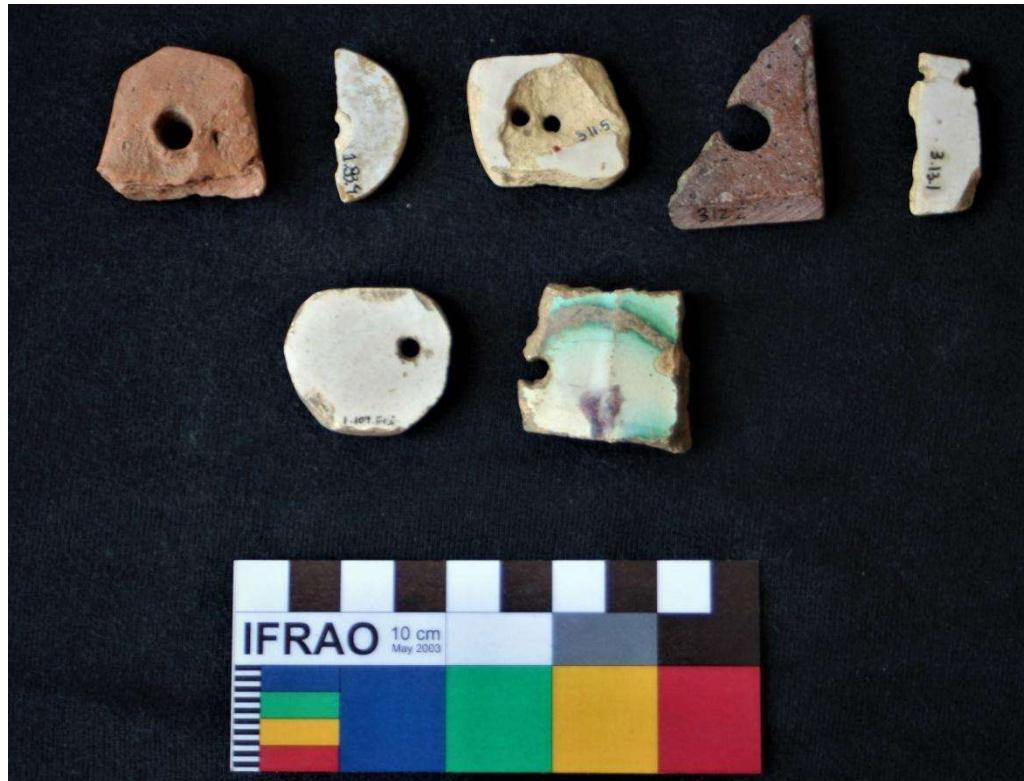
Na área SE, a morfologia preferencial foi a losangular enquanto o suporte material oscilou entre a cerâmica torneada (5) e a cerâmica vidrada (4). Não houve concentração em apenas um suporte, as fichas se apresentaram com poucos exemplares espalhados por diferentes suportes. A maior incidência de fichas a partir de cerâmica torneada e vidrada, corrobora com a ideia de que a presença da olaria facilitaria a aquisição desses suportes. Das 6 fichas losangulares, 2 são de faiança fina, uma branca e a outra decorada (*dipped ware*) com listras verticais em marrom escuro e marrom claro. Lima (2016), em sua pesquisa na rua da Assembleia no Rio de Janeiro oitocentista, conclui que esse era um local de socialização entre os escravos e nele ela encontrou peças de faiança portuguesa em formatos losangulares (de gota) e triangulares que possuem decorações em formas espirais no meio, que são originárias da própria louça, mas parecem ter sido cortadas para ser destacada a forma espiral, ela considera que essas peças tenham sido usadas como amuletos que remetem a cosmologia Bakongo, onde começo e fim podem ser representados por espirais. Apesar de não ter aparecido esse tipo de decoração na área SE, nada impede que essas peças pudessem ter sido usadas como amuletos (também ou exclusivamente).

Na área NE a morfologia triangular é hegemônica, com 25 fichas de um total de 62, em seguida aparece a forma arredondada com 12 representantes. A composição material de maioria esmagadora (31 fichas, 50% da amostra) é a de faiança portuguesa, seguida pela cerâmica vidrada (14 fichas). Esse padrão destoa das outras duas áreas, onde as fichas de faiança portuguesa são pouco representativas. Mais uma vez, isso pode ter conexão com a aquisição de vasilhames feitos desse suporte material através dos senhores, já que a faiança portuguesa na casa grande, é substituída pela faiança fina, mas a possibilidade de aquisição através da compra pelos escravizados não pode ser descartada, pois essa hipótese demonstra que essa categoria social estava optando por tipos cerâmicos mais baratos e assim, reforçavam sua capacidade de autonomia. Quanto as fichas de cerâmica

vidrada, elas aparecem nas três áreas com representação significativa para a quantidade de fichas totais em cada setor. Mais uma vez, a melhor explicação para isso se dá pela produção desse tipo cerâmico na própria fazenda, mas também reforça a ideia de que jogos nos quais as faces das fichas precisam ser diferentes estavam sendo praticados na senzala.

Foram identificadas nas três áreas de escavação fichas com perfurações (Figura 20) de diferentes morfologias e composições materiais, no entanto, a faiança portuguesa tem maior representatividade, sendo 6 de um total de oito fichas. Perfurações em diferentes materiais já foram noticiadas para contextos de escravidão. Suguimatsu (2019), por exemplo, informa que no Colégio foram encontradas moedas e outros objetos metálicos perfurados de diferentes formatos. A autora demonstra que as moedas perfuradas e outros objetos metálicos circulares com perfuração central, eram comumente usados pelos escravizados em rituais de cura e como amuletos, mas ela também pondera que para além desses usos “as alterações feitas nos objetos – marcações, perfurações e inscrições – são formas pelas quais objetos de uso cotidiano foram utilizados para a construção de identidades específicas” (p. 188). As fichas do Colégio são na maioria, feitas a partir de objetos cerâmicos, o que não impede que tenham sido usadas como ornamentos ou amuletos, levando-se em conta que as populações escravizadas criavam a partir do que elas tinham disponível, por tanto, adaptações em diferentes objetos não deviam ser incomuns.

Panich et al. (2017) informa que os discos perfurados de mais de 5cm de diâmetro encontrados em diferentes sítios norte-americanos foram classificados como fusos de tear ou tampas de garrafas (alguns discos não perfurados também receberam essa classificação), entretanto, os autores advertem que depende do contexto nos quais essas peças foram encontradas. No caso dos sítios nos quais os autores trabalharam, não houve evidências de fusos espirais e nem de garrafas onde os discos poderiam servir como tampas, portanto, para eles as peças perfuradas serviram para algum jogo de girar.



**Figura 20 – Fichas perfuradas de diferentes morfologias e composições materiais. Da esquerda para a direita: as duas primeiras são da área NW; a 3<sup>a</sup>, a 4<sup>a</sup> e a 5<sup>a</sup> da área SE; a 6<sup>a</sup> e a 7<sup>a</sup> da área NE.**

Fonte: autoria própria.

No Colégio também não há evidências de uso de fusos de tear e, das peças perfuradas apenas três são circulares (uma delas não está representada na Figura 20), sendo que em uma delas a perfuração não é central (6<sup>a</sup> peça da Figura 20). Foram encontradas garrafas de vidro, mas não há indícios da utilização de algum produto natural que serviria para vedar as peças nas bocas das garrafas. Duas (a 5<sup>a</sup> e a 7<sup>a</sup> da Figura 20) das peças perfuradas são de formato retangular e possuem dupla perfuração, isso indica que elas também podem ter sido usadas como ornamentos (contas de colar). Portanto, no Colégio as peças perfuradas parecem ter sido utilizadas em jogos de girar em semelhança com o que comunicam Panich et al. (2017: 10) para os sítios nativos californianos. Alguns dos jogos que usam peças perfuradas serão discutidos no item 3.2.1.

Algumas das fichas losangulares (Figura 21), além daquela listrada mencionada para a área SE, apresentaram peculiaridades nos motivos decorativos. Uma delas (a primeira da Figura 21) apresenta em seu centro a forma espiral, já comunicada em contextos de escravidão urbana por Lima (2016). Nesses contextos

a autora assume que a forma espiral presente em peças cortadas em formas losangulares e triangulares remetem à cosmologia Bakongo, tal interpretação poderia ser aplicada para o Colégio, já que ele abrigou africanos vindos da África Centro-Ocidental, onde a cosmologia Bakongo se faz presente. Outro aspecto em comum entre as peças de Tânia Lima (2016) e as do Colégio é relativo a composição material, ambas foram produzidas a partir de faiança portuguesa. Esse exemplo das peças losangulares assim como as pinturas (Figuras 12 e 14) em contexto urbano, demonstram que as práticas vindas da África estavam sendo disseminadas pelos escravizados urbanos e rurais.



**Figura 21 – Fichas losangulares ou em forma de gota. Da esquerda para a direita: as duas primeiras são da área NW; a 3<sup>a</sup> da SE; e a última da NE.**

Fonte: autoria própria.

Das fichas arredondadas, algumas estavam quebradas ao meio (por exemplo, a 2<sup>a</sup> ficha da Figura 20), o que pode ter ocorrido accidentalmente entre os grupos escravizados ou pelo processo de deposição. Outra hipótese é a de que tenham sido partidas intencionalmente para conformarem duas peças, ao invés de apenas uma. Há também uma ficha trapezoidal (Figura 22) que foi colada a partir de quatro peças em formas triangulares, o que indica que ela pode ter servido de base para a produção de outras peças.



**Figura 22 – Peça trapezoidal formada por quatro triangulares.**

Fonte: autoria própria.

Uma peça em especial, permitiu inferir com mais segurança acerca da produção das fichas arredondadas, se trata de um fragmento (Figura 23), que nesse trabalho foi considerado como ficha, de onde foi cortada uma ficha arredondada, no entanto, a ficha feita a partir dele não foi encontrada.



**Figura 23 – Suporte de faiança portuguesa para ficha arredondada nível F1i (meados do século XIX).**

Fonte: autoria própria.

### 3.2.1. A utilização das fichas em diferentes jogos

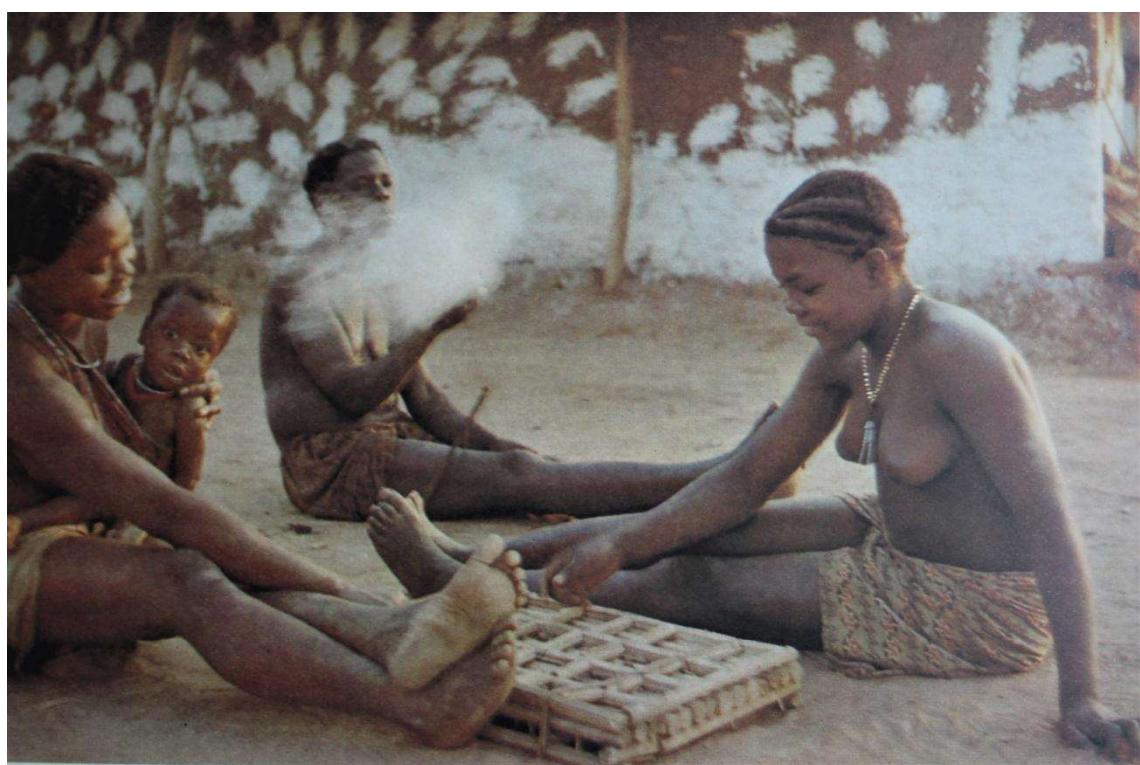
Esse item tem como objetivo apresentar os diferentes jogos nos quais as fichas do Colégio poderiam ser utilizadas, inclusive dando ênfase aqueles praticados no continente africano.

Ao longo deste trabalho foi apontada uma parte da bibliografia que tem noticiado a presença de fichas em diferentes sítios históricos que coincidem com a era colonial das Américas. Nesses casos, os autores (PANICH et al., 2017; SYMANSKI E OSÓRIO, 1996; MACLEAN, 2015; SINGLETON, 2015; GOODE, 2009; WILKIE, 1995) têm atribuído as fichas, principalmente aos jogos de tabuleiro como o gamão e as damas, mas outros jogos que podem ser facilmente adaptáveis (como aqueles que podem ser jogados no chão) e que utilizam fichas, também foram comunicados.

#### a) MANKALA

A *mankala* é uma família de jogos de tabuleiro que ficou conhecida como “o jogo nacional da África”. A palavra origina-se do árabe *naqaala* que significa “mover”. Acredita-se que os jogos de Mancala tenham pelo menos 7 mil anos, sendo os mais antigos jogos de tabuleiro já descritos. Os tabuleiros de Mancala são feitos de diferentes materiais, o que depende da posição social dos jogadores. “Podem ser muito simples, escavados na terra ou na areia; podem ser de madeira toscamente esculpida (Figura 24); mas podem ser verdadeiros trabalhos de escultura e ourivesaria” (OS MELHORES JOGOS DO MUNDO, 1978:124). No Colégio não foi encontrado nenhum vestígio que remeta a tabuleiros de jogos, mas a possibilidade de fazer do chão o tabuleiro, permite que os jogos de Mancala sejam considerados como possíveis práticas entre as comunidades escravizadas, além do mais, os tabuleiros poderiam ter sido feitos de material perecível, como madeira, portanto, seriam de difícil preservação naquele contexto. A Mancala ou jogo de semeadura, é jogada com sementes ou com pequenos objetos, como pedrinhas. As fichas do Colégio, de um modo geral, tem pelo menos 1cm de comprimento, embora, sejam maiores do que algumas sementes, não impossibilitam o uso para essa família de jogos, levando em conta que no chão o tamanho e a profundidade dos buracos podem variar de acordo

com a disposição dos jogadores e o tamanho das fichas. Na Mancala “o movimento das peças também revela sua origem antiquíssima. Em várias regiões está associado ao movimento celeste das estrelas e, em diversas mitologias tribais, o tabuleiro simboliza o Arco Sagrado” (OS MELHORES JOGOS DO MUNDO, 1978:124). Embora tenha perdido o caráter sagrado na maioria dos países onde é jogada, para os Alladians da Costa do Marfim, ela só pode ser jogada durante o dia. A noite os tabuleiros são colocados nas portas das casas para os deuses jogarem (OS MELHORES JOGOS DO MUNDO, 1978:125). Desta forma, a prática da Mancala na senzala do Colégio além de promover o estreitamento de laços e manter as comunidades escravizadas unidas, poderia significar a exaltação aos deuses.



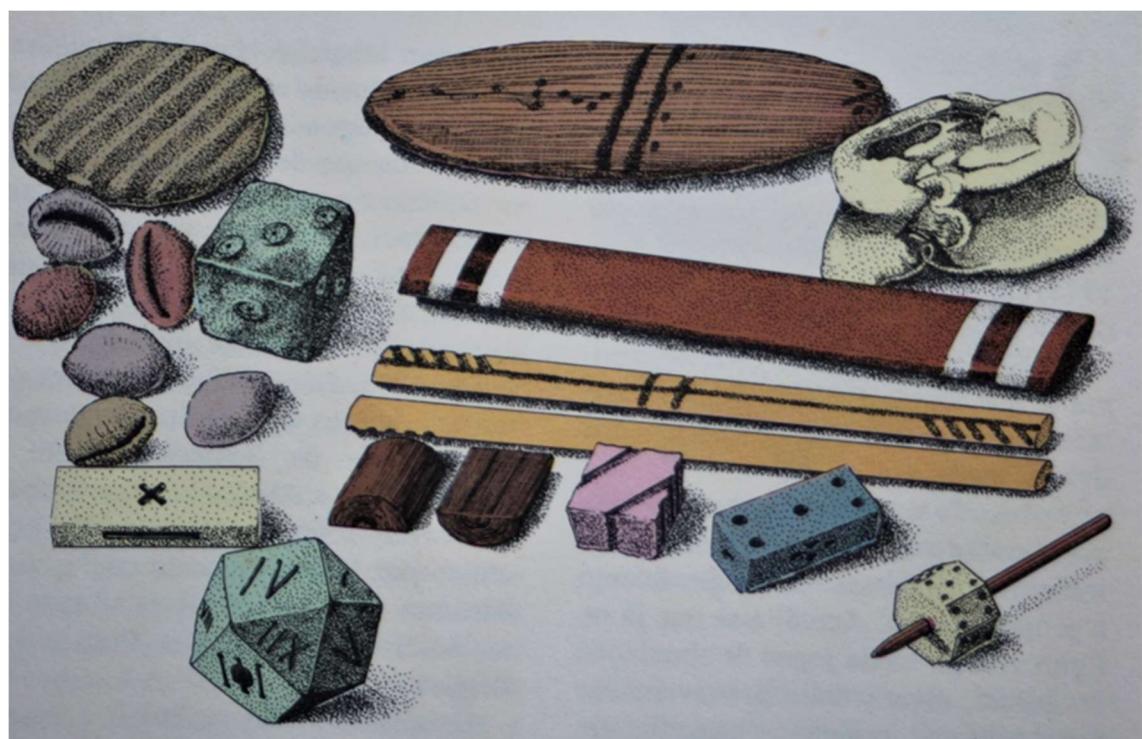
**Figura 24 – Mulheres hotentotes jogando uma variante da Mancala.**

Fonte: Os melhores jogos do mundo (1978: 124)

### *b) Dados*

Os dados, como também tem demonstrado a bibliografia consultada (por exemplo PANICH et al. (2017) podem ter sido um dos jogos praticados pelos cativos da Fazenda do Colégio. Segundo o livro *Os Melhores Jogos do Mundo* (1978:5) “há milhares de anos os homens vêm demonstrando um grande fascínio pela prática de

desafiar a sorte ou desvendar os desígnios de forças superiores por meio do lançamento de objetos como dados, ossos, conchas, varetas, etc.". O livro também conta que uma das origens dos dados remetem a práticas mágicas e divinatórias originadas entre o povo hindu. Os dados podem ser feitos de uma infinidade de materiais (Figura 25), inclusive de conchas, objeto de presença massiva no Colégio, principalmente na área NE, onde foram encontradas milhares (inteiras e fragmentadas). A presença das conchas no Colégio tem a ver com as práticas alimentares das populações escravizadas, mas também podem ter sido ressignificadas no mundo lúdico e mágico dessas populações. Para Panich et al (2017), as fichas com lados diferenciáveis e as pesquisas etnográficas que relatam a difusão de jogos de dados entre os povos nativo-americanos reforçam a ideia de que nos sítios californianos as fichas eram utilizadas, principalmente em jogos de dados. No Colégio, a grande maioria das fichas têm as faces diferenciáveis o que também ajuda a pensar que elas estavam sendo usadas como dados, tanto em jogos de azar como subsídios para outros jogos (que utilizam os dados para mover, como o gamão, por exemplo).



**Figura 25 – Diversos tipos de dados.**

Fonte: Os melhores jogos do mundo (1978:5).

c) *Jogo do galo*

As conchas também poderiam ser usadas em associação com as fichas, no jogo do galo (Figura 26) ou jogo da velha, por exemplo. Ressaltando que Sousa (2011) noticiou a presença de fichas feitas de cerâmica em sítios de Portugal que remontam do século XV ao XVIII, isso reforçaria a ideia de que alguns jogos podem ter sido repassados aos escravizados pelo contato com outras culturas, como a portuguesa, o que reverbera na teoria da crioulização pela qual essas populações passaram.



**Figura 26 – “Jogo do galo” construído a partir de gravetos e utilizando pedras e conchas como fichas.**

Fonte: Bulloch (sem data)

d) *Corrida da hiena*

A corrida da hiena (Figura 27) é um jogo muito comum entre as populações árabes do norte e nordeste da África, ele geralmente é jogado nas pausas entre as caminhadas e à noite em volta das fogueiras (OS MELHORES JOGOS DO MUNDO, 1978:9). Considerando-se que no Colégio, na área NW, foi encontrada uma estrutura

de fogueira (GOMES, 2019) e ao redor dela peças classificadas como fichas de jogos, *a corrida da hiena* é um forte candidato para a utilização dessas fichas. Nesse jogo podem participar muitas pessoas, ele se desenvolve em um esquema em espiral, em um caminho que vai da aldeia até a nascente, o esquema é traçado na areia e usam pedras de diferentes cores para representar a “mãe” e a hiena. O objetivo do jogo é impedir que a “mãe” seja devorada pela hiena, mas tudo depende da sorte dos “filhos” no lançamento dos dados (OS MELHORES JOGOS DO MUNDO, 1978:9).

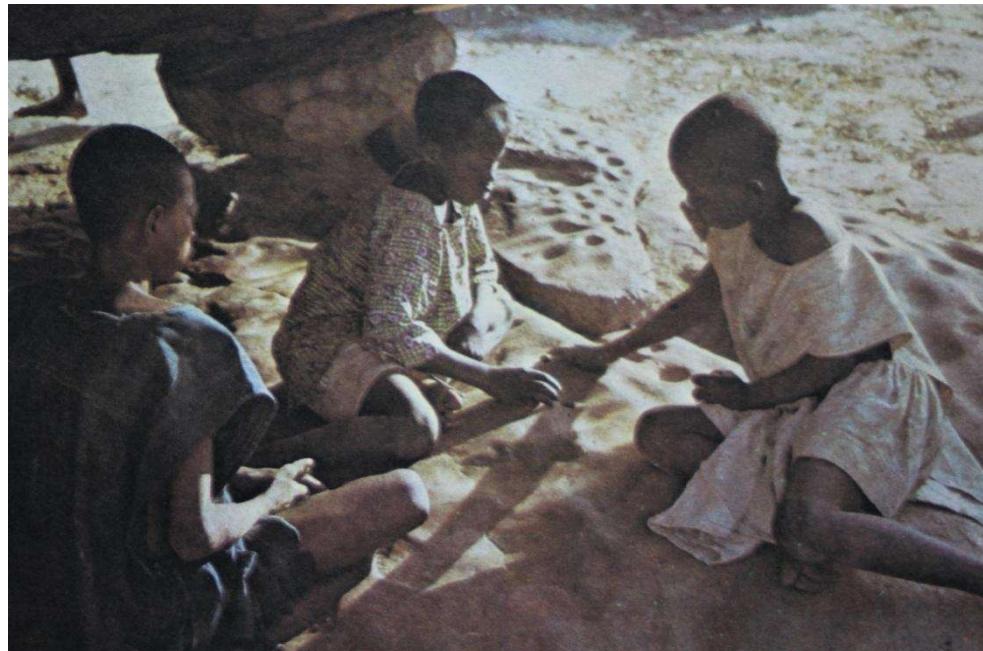


**Figura 27 – Corrida da hiena.**

Fonte: Os melhores jogos do mundo (1978: 9)

#### e) Sey

O Sey (Figura 28) é um jogo muito difundido no Mali, entre as populações Dogon (GRIAULLE, 1938). Nesse jogo cada jogador deve cavar três pequenos buracos, onde serão jogadas as pedras que eles esconderam nas mãos junto com a areia. O objetivo é encontrar o buraco onde a pedra do adversário caiu. Esse é então mais um exemplo de jogo no qual as fichas do Colégio poderiam ser usadas, a cerâmica e as louças entrariam em substituição das pedras.

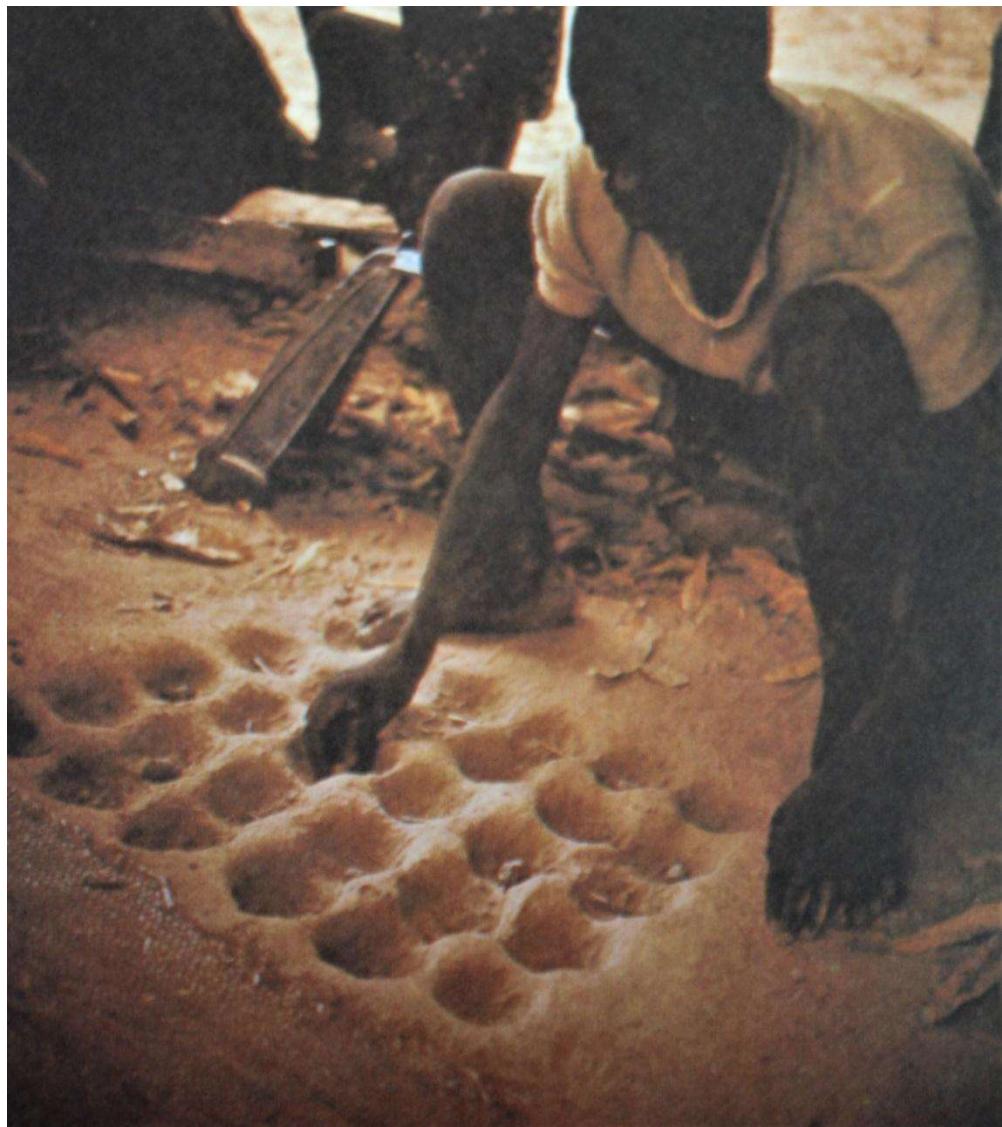


**Figura 28 – Crianças Dogon jogando Sey.**

Fonte: Os melhores jogos do mundo (1978: 24)

f) *Yoté*

O *yoté*, é um jogo muito difundido na África Ocidental e a maneira das damas, vence quem captura as peças do adversário. São 30 buracos cavados no chão e cada jogador (apenas 2) tem 12 peças que são dispostas estrategicamente, pode ser jogado com gravetos ou com pedras (Figura 29), no Mali, esse jogo tem um caráter quase ritual no qual as pessoas jogam por vários dias consecutivos. Um caráter comum do *yoté* em todos os países africanos, é que as regras devem ser ensinadas aos meninos pelo pai ou tio (OS MELHORES JOGOS DO MUNDO, 1978:36-37).



**Figura 29 – Homem jogando yoté.**

Fonte: Os melhores jogos do mundo (1978: 37)

*g) Pombo*

O *pombo* é um jogo de origem ganense, nele sete pedras são colocadas no chão, o jogador deve escolher uma delas e jogar no ar, enquanto a pedra está no ar ele pega outra das seis que sobraram, com essa pedra na mão ele deve pegar a outra que estava no ar, se a pedra não cair no chão, ele continua a brincadeira aumentando o número de pedras na mão enquanto a outra está no ar (CUNHA & FREITAS, 2010).

### *h) Obwisana*

A *obwisana* também tem origem ganense e consiste em uma prática em que as pessoas ficam em círculo e uma pedra é passada de mão em mão sempre batendo no ritmo da música que é cantada pelos participantes, cuja letra é a seguinte:

Obwisana sa nana  
Obwisana sa  
Obwisana sa nana  
Obwisana as  
Vovó eu machuquei o meu dedo na pedra  
(CUNHA & FREITAS, 2010:5)

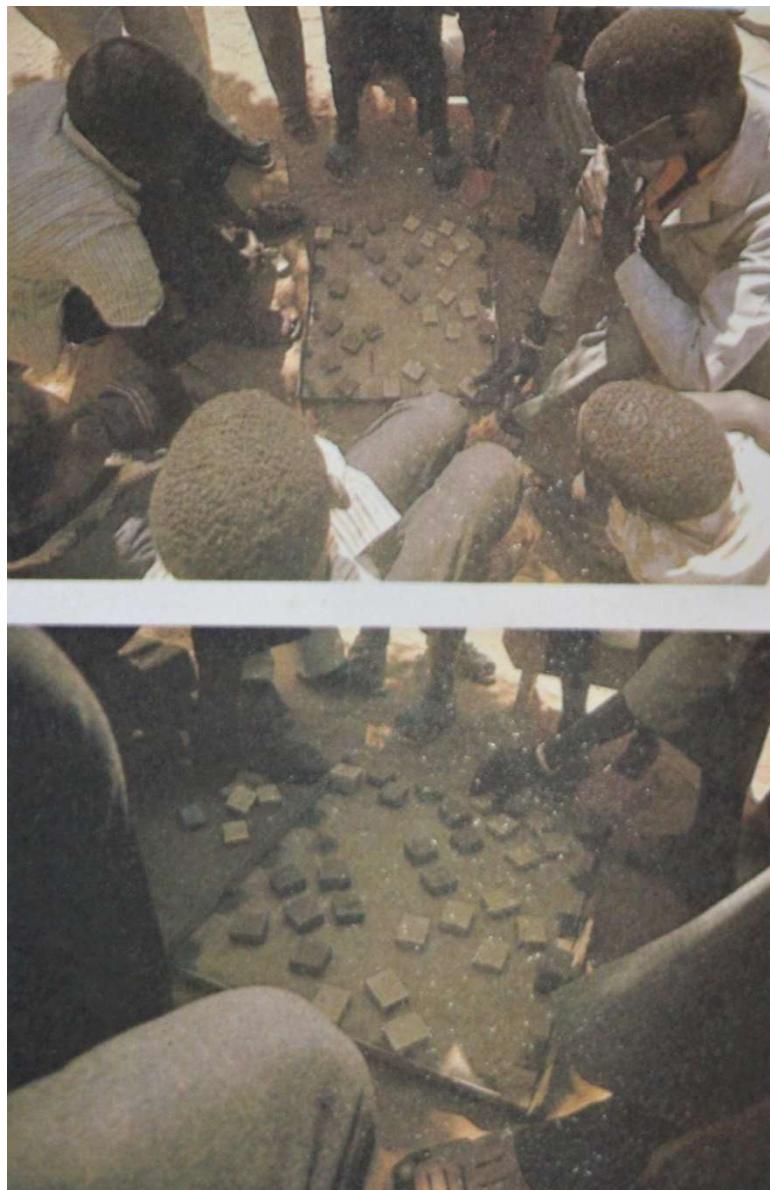
Algumas atividades exercidas pelos escravos eram, muitas vezes, ritmadas por cantos e batidas (CASTANHA, 2008). A *obwisana* é então, um bom exemplo do ritmo trazido pelos africanos, demonstrando que ele não estava presente somente nas práticas laborais, mas também nas atividades lúdicas que poderiam servir como forma de exaltar os parentes e relembrar os hábitos da terra natal.

### *i) Gamão*

Acredita-se que o gamão tenha surgido há milhares de anos no Oriente e que tenha divertido fenícios, egípcios, gregos e romanos. Com o nome de *tábula* ele difundiu-se por toda a Europa no século I a. C. e durante a Idade Média tornou-se sucesso em todo o Velho Mundo. A partir do século XVIII a popularidade do gamão diminuiu e com o passar do tempo tornou-se um jogo de elite (OS MELHORES JOGOS DO MUNDO, 1978: 1). O gamão é jogado por duas pessoas as quais possuem fichas diferentes, ele é considerado um jogo de corrida, os movimentos das peças dependem dos números dos dados. Considerando-se que o gamão tenha sido sucesso no Velho Mundo e que os diferentes autores consultados têm atribuído as peças cerâmicas modificadas a esse jogo, no Colégio também há a possibilidade de o gamão ter sido um dos jogos praticados pela escravaria e, possivelmente foi um hábito adquirido através do processo de trocas culturais com os colonos (crioulização), já que era um jogo mais comum entre as elites, o que é reiterado pela pesquisa realizada em Porto Alegre por Symanski e Osório (1996) que relatam a presença de um tabuleiro de gamão no inventário de um proprietário de escravos.

*j) Damas*

Jogos como o gamão, o xadrez e o Albuquerque já haviam sido difundidos pela Europa por volta do século XII e foi com elementos desses três jogos que surgiu o jogo de damas. Do gamão foram utilizadas as peças, do Albuquerque, a movimentação e do xadrez, o tabuleiro (OS MELHORES JOGOS DO MUNDO, 1978: 141). Portanto, as damas podem ter sido mais um dos jogos transmitidos aos escravos pelo processo de crioulização, nesse caso, assim como no gamão as peças podem ter sido adaptadas, não sendo utilizadas somente fichas arredondadas como mostra a figura 30. A ausência de tabuleiros não impossibilita a prática desses jogos em outros suportes que não deixaram evidências como: o chão, as pedras (Figura 31) e até mesmo a madeira.



**Figura 30 – Senegaleses jogando damas com fichas quadradas**

Fonte: Os melhores jogos do mundo (978: 142).



**Figura 31 – Exemplar do jogo de damas feito no Egito, no período da xx Dinastia (1320-1085 a.C.).**

Fonte: Os melhores jogos do mundo (1978: 141)

*k) Anel africano*

O anel africano (Figura 32) é um quebra-cabeça muito difundido entre as populações do Golfo da Guiné, na África Ocidental, mas também é muito popular entre várias comunidades de diferentes etnias africanas. É um jogo feito de varinhas finas, sementes perfuradas e um cordão, seu objetivo é transferir o anel de uma laçada para outra do cordão, passando-o pelo nó central. É um jogo que exige raciocínio e paciência (OS MELHORES JOGOS DO MUNDO, 1978: 48). Embora não tenha sido encontrada nenhuma corda nas escavações do Colégio (provavelmente elas já teriam se deteriorado com o tempo), o anel africano pode ter sofrido adaptações pelos cativos e nele as fichas perfuradas poderiam ser utilizadas. Esse é mais um jogo de origem africana que pode ter sido trazido para o Brasil na diáspora.



**Figura 32 – Anel africano.**

Fonte: Os melhores jogos do mundo (1978: 48)

Concluindo, a reutilização de diferentes materiais para a confecção das possíveis fichas de jogos, ainda que não possa dar certezas sobre as práticas envolvidas, ela comprova que as comunidades escravizadas estavam de alguma maneira, ressignificando a materialidade acessível a elas, com isso elas demonstraram “habilidade em se relacionar com o mundo material de uma forma flexível e bastante original” (SOUZA, 2013:29).

Os exemplos apresentados sugerem algumas das práticas lúdicas das comunidades escravizadas da Fazenda do Colégio, há ainda muitas outras possibilidades para os jogos da senzala que serão explorados em pesquisas futuras.

## CONCLUSÃO

A escravidão das populações africanas e dos afrodescendentes configurou um dos episódios de maior violência e perversidade da história humana conhecida.

O sistema escravista assumia o escravo como uma mercadoria, ele se tornava então, uma coisa (GORENDER, 1985). Uma “coisa” não pode ordenar o mundo ao seu redor, por isso o escravo compunha a maior contradição desse sistema, ele precisava ser coisa, mas quando procurava maneiras de reconstruir seu mundo, mostrava que era dotado de intelecto.

O escravo não se manteve dócil e submisso como o sistema pressupunha. Através das fugas, dos motins, aquilombamentos (GUIMARÃES, MORAIS & LADEIA, 2013), práticas proibidas (AGOSTINI, 2013; SOUZA, 2013; FENNEL, 2013), dentre muitas outras facetas, o escravo resistia.

Nesse ínterim, este trabalho buscou mostrar mais uma possibilidade de resistência à escravidão. Ainda que pacífica, as práticas lúdicas conformavam uma forma de resistência no sentido de ser uma ferramenta na qual poderia ser reconstruída a ordem perdida por essas comunidades no processo afro-diaspórico, além de ser uma prática não autorizada, o lazer e os divertimentos não eram dados como possibilidades a essas comunidades.

A bibliografia consultada (PANICH et al., 2017; SYMANSKI E OSÓRIO, 1996; MACLEAN, 2015; SINGLETON, 2015; GOODE, 2009; WILKIE, 1995) que abrangeu pesquisas arqueológicas em sítios dos Estados Unidos, Caribe e Portugal, contribuíram para a construção interpretativa das possíveis fichas do Colégio. Os autores citados têm relatado em diferentes sítios de africanos e afrodescendentes escravizados a presença de peças cerâmicas modificadas, as quais são comumente atribuídas a jogos como o gamão, as damas, as variantes da Mancala, o jogo do galo e o *chiney money*.

Com a análise das fichas do Colégio foi possível inferir que as práticas lúdicas na senzala, existiram e eram comuns desde o início da ocupação, no fim do século XVII, quando a Fazenda do Colégio ainda era administrada pelos padres jesuítas. Observou-se uma grande variação tipológica, em termos morfológicos, na composição material, e nas dimensões das fichas. Com relação à morfologia foram identificadas as seguintes formas: arredondadas, triangulares, losangulares, quadradas, retangulares, pentagonais e hexagonais. No que diz respeito à composição material,

os escravizados também optaram por suportes cerâmicos variados, utilizando todas as categorias cerâmicas: telhas, cerâmicas artesanais, cerâmicas torneadas simples, cerâmicas torneadas vidradas, faianças portuguesas e faianças finas e também ossos e vidro.

Para o período temporal entre 1830 e 1860, verificou-se que a morfologia e o suporte material dominantes nas fichas variavam nas diferentes áreas escavadas sendo que na área NW a morfologia predominante foi a retangular e o suporte material foi a cerâmica vidrada. Esse padrão composicional pode ter aparecido pela facilidade de aquisição da cerâmica vidrada, já que ela pode ter sido fabricada na olaria do próprio Colégio e ele também concorda com os resultados apresentados por Panich et al. (2017) e MacLean (2015) que comunicam a presença de fichas com faces diferenciáveis, utilizadas em jogos que necessitavam tal diferenciação como as damas e os dados, por exemplo.

Na área SE as fichas losangulares foram as predominantes e o suporte material mais utilizado foi a cerâmica torneada, seguido pela cerâmica vidrada. Provavelmente, esse padrão composicional deve ter ocorrido devido à fabricação dessas cerâmica na olaria, como mencionado anteriormente. A presença de fichas losangulares pode sugerir outra interpretação, como a utilização em amuletos, como reportou Tânia Lima (2016), porém no Colégio apenas uma ficha de faiança portuguesa apresentou o padrão mostrado pela autora.

Na área NE as fichas triangulares foram as mais recorrentes, seguidas pelas arredondadas. A faiança portuguesa foi o suporte mais utilizado, contrastando com o padrão apresentado nas outras duas áreas. Isso pode ter ocorrido pela aquisição de tralha doméstica advinda dos senhores ou de mercados, onde os próprios escravizados estariam comprando suas louças e demonstrando sua autonomia.

A variação identificada na composição e na morfologia das fichas sugere que diferentes formas podem ter sido empregadas em diferentes tipos de jogos. O gamão é um bom exemplo de jogo existente na comunidade escrava, já que outros estudos em senzalas, apontam esse jogo como um dos mais difundidos entre os escravizados.

Com a análise das três áreas percebe-se que não há um padrão entre as fichas encontradas para o período de tempo mencionado previamente, isso pode significar diferentes práticas nos diferentes setores ou diferentes agrupamentos de escravizados. Nesse caso, a presença marcante da faiança portuguesa pode ser um

indicativo de diferenças socioeconômicas. A área NW comportou a fogueira, onde foram encontradas três fichas, o que sugere que a fogueira não só foi utilizada como espaço de preparação e consumo de alimentos, mas também como local de sociabilidade, relaxamento e lazer (GOMES, 2019).

Por fim, a presença das fichas sugerem a existência de práticas lúdicas na senzala, as quais simplesmente não foram documentadas nas fontes historiográficas. Essas práticas servem para demonstrar que a vida cotidiana dos escravizados não se resumiu ao trabalho e à violência, mas houve também momentos de sociabilidade dentro da comunidade, em que eram realizados jogos e brincadeiras que fortaleciam os laços de amizade e solidariedade, contribuindo para a construção de novas identidades.

Buscar o entendimento do campo lúdico entre os escravizados é também uma maneira de promover a arqueologia da memória escrava, “é uma tentativa de reconstruir cenas da experiência que os negros e seus descendentes protagonizaram durante a diáspora e o cativeiro” (PEREIRA, 2002: 62), demonstrando que a identidade e a alteridade eram constantemente negociadas por esses sujeitos (PEREIRA, 2002).

A memória escrava é uma forma de restabelecer o “vínculo entre passado e presente com a percepção do dinamismo que os envolve” (PEREIRA, 2002: 68), é também mostrar que embora esses indivíduos escravizados tenham sido tratados como mercadoria, eles nunca o foram realmente, eram seres humanos que resistiam e buscavam forças para sobreviver. Suas mentes sua memória e os saberes que detinham nunca foram escravizados (LIMA, 2006).

Este trabalho, longe de esgotar o assunto, pretende abrir caminho para novas pesquisas arqueológicas sobre os jogos, principalmente na escravidão.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, C. “À sombra da clandestinidade: práticas religiosas e encontro cultural no tempo do tráfico ilegal de escravos”. **Vestígios**, Belo Horizonte, vol. 7, nº 1, 2013, p. 21-72.
- ARMSTRONG, D. V. (1990). **The Old Village and the Great House: An Archaeological and Historical Examination of Drax Hall Plantation**. St. Ann's Bay: Jamaica; Urbana: University of Illinois Press, 1990.
- AURÉLIO, B. H. F. **O minidicionário da língua portuguesa**. 7ª edição revista e atualizada do Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.
- AZEVEDO, P. A. S. **Do barro às panelas de cozer**: variabilidade das cerâmicas artesanais na senzala da Fazenda do Colégio dos Jesuítas, Campos dos Goytacazes – RJ. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.
- CASTANHA, M. **Agbalá, um lugar continente**. São Paulo. Cosac Naify, 2008.
- CUNHA, D. A.; FREITAS, C. L. **II Semana da Consciência Negra** UFFA/CUNTINS, 2010. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/11/Apostila-Jogos-infantis-africanos-e-afro-brasileiros.pdf>>. Acesso em 15 nov. 2019.
- DEBRET, J. B. **Barbeiros ambulantes**, 1816 Disponível em: <<https://comunidade.mus.br/debret-leitura-de-imagem/>>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- FENNEL, C. “Identidade de grupo, criatividade individual e geração simbólica na diáspora Bakongo”. **Vestígios**, vol. 7, nº 2. Belo Horizonte: UFMG, 2013, p. 175-206.
- FERREIRA, L. M. **O Solar do Colégio, de Fazenda Jesuítica a Arquivo: Uma Análise das Políticas Culturais Em Campos dos Goytacazes de 1977 a 2001**. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais). Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Campos dos Goytacazes, 2014.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes. 2014.

- GERBARA, A. "Fugas e Fugas". **Terra e Poder**, Revista Brasileira de História. São Paulo: Marco Zero. 1986, p. 89-100.
- GOMES, L. E. **Cotidiano, ancestralidade e ritual**: estruturas de fogueiras e comunidades escravizadas no Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. Monografia (Graduação em Antropologia – hab. Arqueologia). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019.
- GOODE, C. "Gizzard Stones or Game Pieces?" **African Diaspora Archaeology Newsletter**, [S.I], v. 12, n. 1, 2009, p. 1-23.
- GORENDER, J. "A categoria escravidão". In: **O escravismo colonial**. São Paulo: Editora Ática, 1985, p. 46-76.
- GRIAULLE, M. **Jeux Dogons**. Paris: Institut d'Ethnologie, 1938.
- GUIMARÃES, C. M. "Mineração, Quilombos e Palmares. Minas Gerais no Século XVIII". In: REIS, J. J. & GOMES, F. S. (Orgs.). **Liberdade por um fio**: História dos Quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 139-163.
- \_\_\_\_\_. "Quilombos e brecha camponesa – Minas Gerais (Séc. XVIII)". **Revista do Departamento de História**, nº 8, 1989, p. 28-37.
- GUIMARÃES, C. M. & LANNA, A. L. D. Arqueologia de quilombos em Minas Gerais. **Revista de Antropologia**, vol. 31, 1980, p. 147-164.
- GUIMARÃES, C. M.; MORAIS, C. F. & LADEIA, A. L. "Escravismo, Capitalismo e Arqueologia: Transição e Conexão entre Dois Mundos (Brasil, sé. XIX/XX)". **Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, Vol. 7, nº 1. Jan-Jun. 2013., p. 109-139.
- GUGLIELMO, M. G. **As múltiplas facetas do vassalo "mais rico e poderoso de Portugal no Brasil"**: Joaquim Vicente dos Reis e sua atuação em Campos dos Goitacazes (1781-1813). Niterói: Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, 2011.
- HALL, G. M. **Escravidão e Etnias Africanas nas Américas**: Restaurando os elos. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 61-111.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. Madrid: Alianza Editorial, 1951.
- KARASH, M. C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Rio de Janeiro: Schwarcz. 2000.
- LAMEGO, A. R. **O homem e o brejo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lidor, 1974.

- LEITE, S. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. (Vol. Tomo VI). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1945.
- LIMA, M. "Como os tantás na floresta". In: **A cor da cultura. Saberes e Fazeres**, vol. 3. Modos de interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho. 2006.
- LIMA, T. A. "Arqueologia como ação sociopolítica: o caso do Cais do Valongo, Rio de Janeiro, século XIX". **Vestígios**, vol. 7, nº 1. Belo Horizonte: 2013, p. 177-207.
- LIMA, T. A. "A meeting place for urban slaves in eighteenth-century Rio de Janeiro". **Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage**, [S.I.], v. 5, n. 2, 2016, p. 102-146.
- MARCH, A. B. **Verde planície, velho solar**. Niterói: Cromos, 1988.
- MATTOS, R. A. **De cassange, mina, benguela a gentio da Guiné**: Grupos étnicos e formação de identidades africanas na cidade de São Paulo (1800-1850). Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.
- MEILLASSOUX, C. **Antropologia da Escravidão**: o ventre de ferro e dinheiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- NOGUEIRA, M. E. A. C. **Jogos, brinquedos e brincadeiras no Brasil colonial**. São Paulo. Editora Paulistana, 2013.
- OSCAR, J. **Escravidão e Engenho**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1985.
- OS MELHORES** jogos do mundo. São Paulo: Abril, 1978.
- PANICH, L M.; LEDERER, E; PHILLIP, R. & DYLLA, E. "Heads or tails? Modified ceramic gaming pieces from colonial California". **International Journal Of Historical Archaeology**, [S.I.], v. 22, n. 4, ago. 2017, p. 746-770.
- PARANHOS, P. **Controvérsias sobre os primeiros tempos da Capitania de São Tomé ou da Paraíba do Sul**. São Paulo: ASBRAP, 1999, p 93-99.  
\_\_\_\_\_. A formação de São João da Barra. ASBRAP, São Paulo, nº 16. 1999, p. 1-8.
- PATTERSON, O. **Escravidão e Morte Social**: Um Estudo Comparativo. São Paulo. Edusp. 2008. Pp. 11-105.
- PEREIRA, Edmilson de A. Cantopoemas: uma literatura silenciosa no Brasil. In: **Poéticas afro-brasileiras**. Figueiredo, Maria do Carmo L. & Fonseca, Maria Nazareth S. (Orgs.). Belo Horizonte: PUC Minas. 2002. Pp. 37-80.

- PEREIRA, Rinaldo P. & JÚNIOR, Henrique Cunha. **Mancala**: o jogo africano no ensino da matemática. 1ª edição. Curitiba: Appris, 2016.
- REIS, C. (2011). **Manuscritos de Manoel Martins do Couto Reis 1785**: descrição geográfica, política e cronográfica dos distrito dos Campos dos Goytacazes (Santos, Fabiano Vilaça dos; Freitas, Carlos Roberto Bastos; Ribeiro, Rafaela Machado; ed.). Rio de Janeiro e Campos dos Goytacazes: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima.
- RUSSEL, A. E. (1997). Material culture and African-American spirituality at the hermitage. **Historical Archaeology** 31(2): 63–80.
- SAINT-HILAIRE, A. (1941). **Viajens pelo Distrito Diamantes e Litoral do Brasil**. (L. d. Pena, Trans.) Paris: Companhia Editora Nacional.
- SCHIFFER, Michael. Archaeological Context sn Systemic Context. **American Antiquity**, vol. 37, nº2. April, 1972. Pp. 156-165. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?&sici=0002->. Acesso em 30/11/2019.
- SINGLETON, T. A. Cultural interection and African American identity in plantation archaeology. In: Cusick, James (Org.). **Studies in culture contact**: Carbondale: Center for Archaeological Investigations. P. 172-189. 1998.
- \_\_\_\_\_. **Slavery behind the Wall: An Archaeology of a Cuban Coffee Plantation**, University Press of Florida, Gainesville, 2015.
- SOUSA, É. D. M. (2011): **Ilhas de Arqueologia**. O Quotidiano e a Civilização Material na Madeira e nos Açores (Séculos XV-XVIII). Tese de Doutoramento em História Regional e Local apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/5377> [Consultado em 11 de Junho de 2019 às 16:30].
- SOUTH, S. 1977. **Method and Theory in Historical Archaeology**. New York, Academic Press.
- SOUTH, Stanley. 1972. **Evolution and Horizon as Revealed in Ceramic Analysis**. In Historical Archaeology. Institute of Archaeology and Anthropology. Columbia: University South Carolina. 71-116
- SOUZA, Marcos André. Por uma arqueologia da criatividade: estratégias e significações da cultura material utilizada pelos escravos no Brasil. In: AGOSTINI, Camilla (Org.). **Objetos da escravidão**: abordagens sobre a

- cultura material da escravidão e seu legado. Rio de Janeiro: 7letras, 2013. pp. 11-36.
- \_\_\_\_\_. “Uma Outra Escravidão: A Paisagem Social no Engenho de São Joaquim, Goiás”. In: **Vestígios**, volume 1, nº 1. Belo Horizonte: UFMG, 2007. Pp. 59-92.
- SUGUIMATSU, I. C. (2016). **Atrás dos panos: vestuário, ornamento e identidades escravas**. Colégio dos Jesuítas, Campos dos Goytacazes, século XIX. 200. Belo Horizonte: Dissertação do Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.
- \_\_\_\_\_. Para além de algemas e grilhões: os objetos de vestuário e ornamentação do Colégio dos Jesuítas (RJ). In: **Arqueologias da escravidão e liberdade: senzalas, cultura material e pós-emancipação na Fazenda do Colégio, Campos dos Goytacazes, séculos XVIII A XX**. SYMANSKI, Luís C. P. & GOMES, Flávio (Orgs.). Curitiba: Brazil Publishing. 2019. Pp. 155-192.
- STRIEBEL MACLEAN, Jessica. **Sheltering colonialism: the archaeology of a house, household, and white Creole masculinity at the 18th-century Little Bay Plantation, Montserrat, West Indies**. 387 p. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Boston University, Boston, 2015.
- SYMANSKI, Luís C. P. A Arqueologia da Diáspora Africana nos Estados Unidos e no Brasil: Problemáticas e Modelos. **Revista Afro-Ásia**, nº 49. Salvador. 2014. Pp. 159-198.
- \_\_\_\_\_. As pesquisas arqueológicas no Colégio dos Jesuítas. In: **Arqueologias da escravidão e liberdade: senzalas, cultura material e pós-emancipação na Fazenda do Colégio, Campos dos Goytacazes, séculos XVIII A XX**. SYMANSKI, Luís C. P. & GOMES, Flávio (Orgs.). Curitiba: Brazil Publishing. 2019. Pp. 69-104.
- SYMANSKI, Luís C. P. & HIROOKA, Suzana. “Engenho Bom Jardim: cultura material e dinâmica identitária de uma comunidade escravizada do Mato Grosso”. In: **Vestígios**, volume 7, nº 1. Belo Horizonte: UFMG, 2013. P. 21-72.
- SYMANSKI, Luís C. P.; OSÓRIO, Sérgio R. Artefatos reciclados em sítios arqueológicos de Porto Alegre. **Revista de Arqueologia**, [S.I.], v. 9, n. 1, pp. 43-54, dez. 1996.

- SYMANSKI, L. C., & GOMES, F. (2012). Arqueologia da escravidão em fazenda jesuitica: primeiras notícias da pesquisa. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, 309-317.
- SYMANSKI, L. C., & GOMES, F. (2014). **Café com açúcar: arqueologia da escravidão em uma perspectiva comparativa no sudeste rural escravista - séc. XVII e XIX**. Belo Horizonte: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
- SYMANSKI, L. C., GOMES, F. S., & SUGUIMATSU, I. C. (2015). Práticas de descarte de refugo em uma plantacion escravista: o caso da Fazenda do Colégio dos Jesuítas de Campos dos Goytacazes. **Revista de Arqueologia**, 28(1), 93-122.
- WHITTAKER, Geo. 1826. **Mercado de escravos no rio de janeiro**. Disponível em: <<https://ensinarhistoriajoelza.com.br/as-pressoes-britanicas-pelo-fim-do-trafico-de-escravos>>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- WILKIE, Laurie A. Magic and empowerment on the plantation: an archaeological consideration of African-American world view. **Southeastern Archaeology**, [S.I], v. 2, n. 14, pp. 136-157, 1995.